

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO XI

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1923

Nº 121

Grupo manfenedor: Bertholdo Klinger — Presidente de Honra,
Nilo Val, Paes de Andrade e A. Pamphiro, (redactores),
Orozimbo Pereira (Thezoureiro), E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra,
Lima e Silva, Parga Rodrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti,
Daltro Filho, Eloy da C. Catão, Brazilio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,
Fran. P. S. Fonseca, C. de Abreu, Sylvio Scheleter e Alcides M. Lima.



SUMMARIO

Pgs.

A manobra de quadros.....	833	Redacção
A preparação do nosso Exercito.....	834	Capitão Nilo Val
Exercito e Marinha.....	835	Tenente Caio Leão
A Policia Militar na Campanha do Paraguai.....	836	Capitão Albino Monteiro
O thema d' "A Defesa Nacional".....	838	Redacção
Exemplo de bravura.....	850	J. F. Pinto
Séde da Companhia de Pontoneiros.....	850	Capitão Bentes
O Marechal Hermes da Fonseca.....	852	Tte. Amílcar Santos
Uma expressão verdadeira.....	853	Tte. Barbosa Lima
Palestras táticas.....	854	Major Paes de Andrade
Notas sobre a instrucção dos quadros no serviço de campanha.....	856	Traducção
A corneta que falla.....	858	Marechal Carlos de Campos
Resumo da Guerra do Paraguai.....	858	Capitão Nilo Val
Factos & Notas.....	863	
Bibliographia.....	864	
Expediente.....	864	

OLIVEIRA ANDRADE & Cia

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,
Tintas, Oleos,
Louças, Cutelarias,
Materiaes para Construcçao,
etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio : Norte 7664

Armazem : Norte 7787

RIO DE JANEIRO

Acaba de sahir :

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs.
de texto em composição compacta
e grande numero de mappas a cores
«fóra do texto»

Preço (livre de porte) } em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166
São Paulo — Rua Libero Badaró, 129
Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

“A guerra do Brasil com a Republica Argentina em 1827

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pag. se acha á
venda nas livrarias: “Scientifica Bra-
zileira” á rua S. José n. 114 — “Cruz So-
brinho” á mesma rua n. 82 — “Leite Ri-
beiro” á rua Béthencourt da Silva,
“Alves” rua do Ouvidor, 66 e nas
principaes de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livr-
rias :

A GUERRA DA INDEPENDENCIA

POR

Amilcar Salgado dos Santos

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino, a proposito
da Campanha de 851 -1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) —	—
pelo Capitão Nilo Val.....	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata	
— pelo mesmo.....	3\$000
Notas sobre a Historia Militar	
do Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra —	
pelo mesmo.....	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Qui-
tanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro
— Rua Bittencourt da Silva

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, PAES DE ANDRADE e A. PAMPHIRO

Nº 121

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1923

Anno XI

A manobra de quadros

Paladinos, que sômos, ha dez longos annos, da efficiencia militar, ideal, por cuja realização vimos nos batendo arduamente, á custa, nos primeiros annos de nossa existencia, de dissabôres não pequenos, nos sentimos jubilosos, quando constatamos em qualquer parte da organisação militar, um progresso bem caracterizado.

Si nos primeiros annos de trabalho, nos quaes se transformou o Exercito antigo em uma verdadeira escola de aprendizagem militar e de civismo, notamos, quasi que exclusivamente o pre�aro do soldado, com sensivel descuido pela instruc;ão dos quadros, hoje, com a vinda da Missão Militar Franceza, podemos dizer que, tambem este aspecto da carreira das armas, se acha convenientemente cuidado.

Muito mais importante que o preparar recrutas é o formar-se officiaes, dando-lhes na paz um conhecimento seguro do que terão a fazer na guerra.

A instruc;ão do soldado é relativamente simples e facil, em pouco tempo se prepara um homem para a guerra. A formação de um oficial dura uma existencia inteira, exige um aprendizado continuo, um treinamento ininterrupto.

Bem avisado esteve um distinto official de nosso Exercito, quando, em uma critica

que fazia na Escola do Estado-Maior, relembrou o proloquo « mais vale um exercito de carneiros commandados por leões, que um exercito de leões commandados por carneiros ». A guerra tem como factor proeminente a direc;ão suprema, o commando; bem apparelhado, bem disciplinado mesmo, bem treinado, nada fará o exercito que não fôr superiormente dirigido.

Estas considerações fazemol-as, para justificar nosso jubilo ao apreciarmos a manobra de quadros, no mez passado, desenrolada em S. Paulo. O thema estrategico estabelecia a seguinte situação: o inimigo invadia nosso territorio e nossas forças, organizadas em tres exercitos, foram obrigadas a retirar apôs uma batalha desastrosa.

O inimigo, tenaz em sua perseguição a principio, é obrigado a fazer uma pequena parada para restabelecer suas comunicações com a retaguarda.

Nossos exercitos aproveitam este interregno para organisarem-se defensivamente em uma linha de alturas, até á chegada de duas divisões de reforço. Em seguida tomam a offensiva e conseguem uma victoria parcial. Trata-se então de aproveitá-la e, por uma manobra estrategica intelligente, separar os exercitos inimigos.

Nesta situação se acham as forças, quando

é tomado um dos exercitos, o primeiro, para thema a desenvolver-se na manobra. Esta, iniciada aqui na Escola de Estado Maior, émeticulosamente estudada no terreno e assim durante oito dias funcionou interruptamente o Q. G. do exercito em ligação harmonica com os cinco Q. G. das respectivas divisões.

Pela primeira vez todo o estado maior do exercito foi composto exclusivamente de officiaes brasileiros e a parte senões, severamente assignalados pela critica superior, podemos dizer bom foi o resultado.

Entretanto, não só com esta feição da manobra se congratula a « Defesa Nacional ».

Outra tambem ferio a sua attenção e foi o carinho, a cordialidade, o alto cavalheirismo

com que as cidades e as fazendas de S. Paulo, trataram a officialidade. Muito ao contrario do que em outras épocas se affirmava, aquelle grande Estado sabe dar ao principal organismo da defesa nacional o seu verdadeiro apreço. A par da hospitalidade cavalheiresca, com que os grandes fazendeiros hospedaram os Estados Maiores das Divisões, os bailes e finalmente uma sessão cívica realizada na Casa Branca, provaram, á evidencia, o amôr que o Povo paulista, culto, rico e trabalhador, tem pela classe militar.

Assim pois ao felicitarmos o Exercito pelo progresso demonstrado pelos seus quadros, saudamos áquelle grande Pôvo pela cultura revelada na forma nobre com que acolheu a officialidade em manobra.

A preparação do nosso Exercito

As recentes manobras realizadas pelas nossas tropas, apezar dos pequenos senões inevitaveis em tudo quanto é obra humana, não poderão deixar de confortar a todos aquelles que se interessam vivamente pela nossa preparação militar e ainda esperam ver o Exercito devidamente apparelhado para o arduo desempenho de sua missão, tanto na paz como na guerra.

A officialidade, animada felizmente por um grande amôr ao estudo, terá visto recompensados os seus esforços, pois que se sentirá em condições de avaliar o quanto ainda nos falta para a efficiencia desejada desse delicado instrumento, que é o Exercito, e ficará certa, que a maioria das falhas não lhe poderão ser imputadas.

Não é só na guerra que se aprende a guerra. O exercito prussiano não havia feito a guerra desde 1815 até 1866, e, no entanto, por suas victorias brilhantes nesse anno e em 1870, passou a ser justamente considerado o primeiro da Europa, o que prova que a experiença adquirida no estudo judicioso das campanhas alheias é muitas vezes superior á experiença adquirida no campo de batalha.

A questão é que esse estudo seja orientado pelo dêdo de um mestre que comprehendia

que não pôde haver ensino proficuo senão aquelle que deriva do methodo historico, unico que' permite fazer resaltar o lado philosophico, levando em conta os factores moraes, que, geralmente, descuidados, são, entretanto, mais importantes do que todos os outros na guerra.

Ainda é cédo para apprehenderem-se os ensinamentos completos da ultima grande guerra, mas algumas cousas pôdem ser consideradas como provadas, e dentre elles duas avultam desde já — a grande importancia do material e o grande cuidado que é preciso no recrutamento e na formação dos quadros.

E' preciso que a organisação militar do paiz seja baseada nas necessidades de — assegurar-se a permanencia da defesa do territorio ; permittir-se a instrucção da tropa nas melhores condições possiveis ; facilitar-se a mobilisação e a concentração nas condições requeridas.

Simples no enunciado, apresenta, porém, o problema o seu lado escabroso na solução a dar-se-lhe.

A permanencia da defesa do territorio está presa á questão dos effectivos e do material correspondente e estes não se improvisam ; têm de ser forjados com rija tempora desde

o tempo de paz, a despeito das contingências financeiras a que estão subordinados os paizes.

A questão da instrucción da tropa e dos quadros é um problema da mais facil solução, pois que o governo encontra em nossa officialidade e no nosso soldado toda a bôa vontade possível, bastando algumas dezenas de contos de réis para que o apparelhamento material se consiga.

Mas a mobilisação e a concentração em bôas condições já se apresentam com um caracter todo especial, como facilmente se percebe e terão visto os officiaes superiores nas recentes manobras, não se comprehendendo delongas na sua solução conveniente.

Como elementos primordiales se apresentam desde logo o carvão e o ferro, que é preciso obter no paiz, pois que a elles estão indissoluvelmente ligadas as fabricas, os arsenaes e as vias-ferreas, recursos sem as quaes nada se poderá fazer no momento opportuno.

Não fossem as suas organizações industriaes e as suas admiraveis rôdes ferro-viarias e as mais poderosas nações da Europa teriam desde logo perdido a partida no prologo dos acontecimentos da guerra de 1914 — 18.

Não fossem as suas innumerias viaturas e as suas estradas de rodagem e a França não

se poderia cobrir de glorias nos tempestuosos dias da resistencia de Verdun !

O Brasil precisa cuidar do assumpto, sem perda de tempo. A mobilisação e a concentração de suas forças estão na dependencia directa dos transportes, que precisam ser regulados com urgencia, cortando-se o paiz de estradas, ligando-se os varios centros productores, encurtando-se as distancias como é preciso, dotando-se as tropas de viaturas proprias e adequadas aos seus serviços e aos seus recursos, ás suas contingencias.

Mesmo imperfeitamente, as manobras terão feito resaltar muitas falhas, que é preciso corrigir a tempo, abandonando-se de vez a praxe dos relatorios inocuos, para passar-se ao regimen dos factos positivos.

A solução dos problemas dos transportes entre nós não interessa apenas á defesa militar do paiz, mas igualmente ao seu commercio, á sua industria, á sua laboura, a ella estando preso o progresso nacional e o bem-estar dos proprios cidadãos.

Recorte-se o paiz de vias de communicações e a riqueza excepcional do seu solo irradiará desde logo, tornando faceis as soluções de todos os outros problemas economicos e financeiros que ora nos assoberbam e quasi nos arrastam para uma situação angustiosa.

CAP. NILO VAL

EXERCITO E MARINHA

Em referencia ao editorial, que sob o titulo acima publicamos em o n. 119, recebemos a seguinte carta de um distinto oficial da Marinha de Guerra, que com muita satisfação publicamos.

«A Defesa Nacional» sente-se bem em ventilar questões importantes, qual a de que ora se trata, acolhendo com o maior prazer as opiniões abalizadas de seus assignantes.

«Caro Sr. Redactor da «A Defesa Nacional».

Num artigo de redacção, publicado no numero 119, de 10 de Setembro ultimo, da «A Defesa Nacional» e no qual é sumariamente apreciada a necessidade de um endotrinamento commun ás forças de terra e mar, para a resolução de nossos problemas de guerra, ha uma referencia para a qual é opportuno e necessário um esclarecimento,

por isso que vosso periodico é supposto representar o pensamento de uma bôa élite de officiaes de nosso Exercito.

No citado artigo a Redacção pergunta, si, com effeito, é possivel obter-se harmonia na cooperação das duas forças, militar e naval, quando se entregar o preparo dessas forças a missões de paizes differentes. E respondendo, acrescenta : «Certamente que não. Raças antagonicas innocularão naturalmente predicados antagonicos, creando caracteres que jámais poderão confundir-se num mesmo ideal, agindo harmonicamente para um mesmo fim».

Seja-nos permitido exprimir que o ponto de vista, em que se collocou a Redacção, é verdadeiramente falso. Uma missão para o preparo de qualquer de nossas forças não tem por objectivo innocular predicados e

crear caracteres. Os nossos predicados são peculiares a cada um de nós e os nossos caracteres, na medida em que elles são criados, dependem de nós próprios e não de nossos instructores.

Existe aí um ponto vital, que foi mal considerado pela Redacção da «A Defesa Nacional» e cuja importância não pode ser dada a conhecer por esse breve esclarecimento. É indiscutível, é bem verdade, que missões de um mesmo paiz, agindo em concerto no preparo das duas forças seriam de maior vantagem, caso houvesse algum paiz em condições de nos fornecer essas duas missões.

Nada obsta, porém, que o estudo dos nossos problemas de guerra seja feito, em colaboração, pelos officiaes do Exercito e da Marinha, auxiliados pelos membros de ambas as missões, que não são, em verdade, de mentalidades tão diferentes. O americano tem em sua estructura psychologica muitos dos predicados caracteristicos, que vemos no

francez e frequentemente no militar francez: rapidez de concepção e de acção, contacto permanente com a realidade e grande facilidade de adaptação a novas circumstâncias. Falta talvez ao americano essa segurança e acabamento na elaboração de suas concepções, que temos visto e vemos brilhar tantas vezes em mentalidades francezas. Essa falta, porém, propria a membros de uma nação nova e em marcha de progresso, é largamente compensada pela identificação innata, que tem o americano com os processos efficients de acção e pela intensidade de vida com que elles levam adiante todos os seus objectivos. É esse um factor capital para o successo e particularmente valioso em nosso caso, o da Marinha Brasileira.

Queira, Sr. Redactor, publicar a presente carta e aceitar a expressão de nossos agradecimentos e consideração».

CAIO LEÃO
1º Tte. da Armada

A Policia Militar na Campanha do Paraguai

Quando rebentou a guerra do Paraguai, em 1865, houve como que um fremito de entusiasmo em toda a alma brasileira. Todos se aprestaram para a luta. E para o theatro das operações marchava ufano o «Corpo Policial da Corte», transformado em 31.º de voluntarios, sob o commando do intrepido catarinense Manoel José Machado da Costa, coronel do Exercito. Conduzia esse punhado de bravos uma rica bandeira offertada pelo commercio da cidade, que se sentia orgulhoso da sua polícia e consciente do seu valor. Na cauda seguia «Bruto», um velho cão rafeiro, que certo dia fôra acolhido no legendario quartel da rua Evaristo da Veiga, vivendo sempre na mais licita camaradagem com os policiaes da época.

O Corpo Policial constituia-se então de 600 homens, repartidos por seis companhias de infantaria e duas de cavallaria, como eram designados naquelle tempo os esquadrões desta arma. A infantaria seguiu completa. A cavallaria ficou nesta cidade, sob a direcção do major fiscal do corpo, capitão reformado do Exercito Antonio do Rego Duarte, o avô de Zézé Leone.

A esse official coube mezes depois a tarefa de reorganizar a milicia, que passou a deno-

minar-se «Corpo Militar de Policia da Corte», creando, conjuntamente, um corpo civil, com igual effectivo, ou seja a celebre «Guarda Urbana», dissolvida em 1885. O 31.º Battalhão de Voluntarios era agora um corpo á parte. Os seus officiaes ficaram addidos ao corpo renovado. Mas os que fossem promovidos no theatro da guerra só seriam aproveitados no «Corpo», após o regresso, nas vagas que se abrissem, a juizo do respectivo commandante.

Seguindo, porém, attentamente, o 31.º, nesta rubra jornada, vamos surprehendê-lo no seu baptismo de sangue, durante a refrega de 24 de maio, nos campos de Tuyuty. Está elle incorporado á II.ª Brigada, do commando do coronel José Auto da Silva Guimarães e subordinado ás ordens do General Guilherme Xavier de Souza, commandante da 4.ª Divisão do Exercito em operações. Essa tropa, que teve de enfrentar a columna ousada de Barrios, na direcção de Potrero Pires, portou-se galhardamente, como se deprehende da ordem do dia do Exercito n.º 525 de 1.º de agosto desse anno, firmada pelo inesquecivel Barão de Herval. Na parte do coronel Auto encontra-se, entre outras, a seguinte referencia: «O 31.º de voluntarios,

mudando a frete á esquerda, avançou por esse flanco, atravessando um banhado, e, seguindo pela costa do matto, caiu sobre o flanco da linha inimiga, onde sustentou vivissimo fogo, avançando sempre pela frente até fazer o inimigo retirar-se em desordem, deixando muitos mortos e feridos». E mais adeante : «Os commandantes do 31.^º de voluntarios e 14.^º de linha tornaram-se dignos de elogios, aquelle perseguiendo o inimigo com valor, calma e bravura, e este pela calma com que dirigiu o seu corpo para os diferentes pontos que lhes eram designados». Da exposição feita pelo General Xavier de Souza ao Marechal Osorio, destaca-se o seguinte topico : «Foi por mim ocularmente presencizada a coragem e disciplina com que se houve sempre o coronel Manoel José Machado da Costa, commandante do 31.^º batalhão de voluntarios da patria, que carregou a linha inimiga pela direita, a qual foi completamente desbaratada, sendo talvez raro o inimigo que conseguisse sahir do banhado com vida.»

Tombaram nessa lucta, tão cruenta quão inesperada, 5 praças. Ficaram feridos 2 officiaes e 36 praças, e contusos 2 officiaes e 7 soldados. Entre os feridos estava o cabo de esquadra José Gaspar da Cunha Britto, mais tarde feito alferes por bravura, o qual permaneceu no corpo até 1885, data em que se reformou no posto de capitão. E' o unico sobrevivente da officialidade daquelle tempo, pois vive ainda, conta 78 annos de edade e reside no Engenho Novo. Depois outros pequenos encontros se realizaram, perecendo num delles o commandante Manoel José Machado, attingido por uma granada que lhe decepou as pernas e matou o cavallo em que montava. Conduzido para o hospital de sangue, em Corrientes, veio a falecer após grandes padecimentos.

Na noite de 15 para 16 de julho, coube á 4.^a divisão o ataque ás novas fortificações de Lopez, proximo a Tuyuty. O 31.^º entrou nessa peleja, combatendo durante 18 horas e levando o inimigo de roldão até proximo ás linhas de Rojas, chegando mesmo ao primeiro parapeito da rête de defeza paraguaya, d'onde pôde observar a inexpugnabilidade de taes fortificações.

Em todos os combates que se seguiram tomava parte o 31.^º com o mesmo denodo e a mesma bravura dos outros combatentes, sofrendo embora baixas consideraveis. Encontrou no campo de honra os seus antigos commandantes, Marechal Duque de Caxias,

General Polydoro Jordão, coroneis Antonio Sampaio, Gomes de Freitas e Pedro Drago. E antes do termo do lucta, já o coronel Auto da Silva, commandante da brigada a que elle estava encorporado, havia conquistado os bordados de general, enquanto o brigadeiro Xavier de Souza, commandante da 4.^a Divisão galgava o posto de Marechal de Campo, recebendo de Caxias, em Assumpção, o commando em chefe do Exercito, que devia exercer até á chegada do Conde D'Eu. E o proprio «Corpo» desfructava a ventura de ser commandado por um de seus directos filhos, o tenente-coronel Joaquim Antonio Fernandes de Assumpção, que para lá seguiria no posto de capitão.

Sobre este oficial, que continuou no comando do «corpo» até 1878, dizia em 1877 o illustre historiador Moreira de Azevedo, no seu livro «O Rio de Janeiro» : «O actual commandante, tenente coronel Assumpção, que encetou sua vida militar nesse mesmo corpo, assentando praça como soldado em 2 de julho de 1841, acompanhou como capitão o Corpo Policial á guerra do Paraguaya. Morto o coronel Machado, assumiu o comando do batalhão 31.^º de voluntarios e em cinco longos annos de campanha escreveu sua brillante fé de officio nas batalhas mais importantes dessa guerra ; seus feitos militares e rasgos de heroismo encheram-lhe a farda de condecorações e conquistaram-lhe postos. Escolhido para commandar o Corpo Militar de Policia, se ha mostrado activo, zeloso e dedicado ao serviço publico.»

Quando o corpo recebeu a ordem de partida, por aviso do Ministerio da Justiça, deu porte de doente o seu cirurgião. Sem mais delongas, o dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac, pae do nosso genial poeta Olavo Bilac, correu a disputar a oportunidade patriotica de defender a integridade nacional pelos meios ao seu alcance. E seguiu, contente, sendo pouco depois designado para funcionar no hospital de sangue da província de Corrientes. Estava realizado o seu desejo. Alguns meses após a sua partida, nasce aqui um seu rebento, que devia ser mais tarde consagrado o principe dos poetas brasileiros. Residia a familia Bilac á rua Uruguiana, no local em que está hoje a casa Raunier. O dr. Braz veio contemplar o seu herdeiro e regressou ao labor humanitario de curar os feridos. Finda a campanha, voltou com o 31.^º de voluntarios, já cirurgião-mór, passando a servir no «Corpo Militar de Policia da Corte». Muito

cedo, entretanto, deixou esse alto cargo para regressar ás suas antigas funções de facultativo da Hygiene Publica, declinando de qualquer recompensa, pois, dizia, nada mais ter feito do que cumprir o seu dever. Sentia-se orgulhoso com as condecorações que cingia á farda ainda quente da metralha e com que fôra agraciado por S. M. o imperador. Chegara, pois, o termo de sua tarefa.

Não é, portanto, de estranhar que Olavo Bilac, no ardor do seu entusiasmo, apontasse á mocidade o rumo da caserna, tão apprehensivo estava com a confusão reinante nos arraiaes políticos. E, temeroso de ver a integridade nacional abalada pela ambição e pela cegueira, escolheu a terra fecunda dos bandeirantes para dar o seu grito de alerta, certo de que elle repercutiria em todos os recantos do seu Brasil querido.

Mas, voltando ao 31º de voluntarios, é de justiça salientar o heroísmo quasi anonymo de «Bruto», o legendario cão que tambem passou á historia, e cujo corpo empalhado jaz na sala d'armas desta corporação, carinhosamente guardado n'uma urna, onde se encontra a seguinte legenda : «Constancia, Amor e Fidelidade ; as praças do Corpo de Policia da Corte, na Campanha do Paraguai».

E' uma homenagem a que elle fez jús pela sua bravura. Foi ferido no dorso ; curaram-no e elle voltou á actividade, operando prodigios. Tomou parte em todos os com-

bates em que se empenhou o seu batalhão. Entrou no assalto e tomada de Estabelecimento, nos combates de Tuyuty, Itapirú, Passo da Patria, Estero Bellaco, Periquicy, Hamaytá, Itororó, Avahy, Villeta, Lomas Valentinas, Angustura, Assumpção, Ascurra, Campo Grande, Caçupé, etc. Foi um verdadeiro predecessor desses admiraveis cães que na grande guerra prestaram serviços inestimaveis.

Mas, é triste dizer-l-o, um cão que se tornara heroe nas mais renhidas pelejas, recebia uma original condecoração ao transpor esta cidade : uma bola de estrychinina, aplicada por um guarda municipal que nunca tivera animo para combater lealmente, por um ideal qualquer. O pobre «Bruto» não tombou durante crueltas batalhas, mas sucumbiu miseravel, covarde e traiçoeiramente.

Como um trophéo glorioso, guarda ainda a Policia Militar a bandeira nacional que o 31º soube honrar nessa campanha. Nas festas commemorativas a Caxias, a Barroso e a Osorio ella comparece, embora crivada de balas, para ser contemplada pela geração de agora, como uma representação viva das nossas tradições guerreiras. E os veteranos fitam-na com viva emoção, porque ella lhes recorda os dias mais felizes da sua existencia.

CAPITÃO ALBINO MONTEIRO
da Policia Militar

O thema d'“A Defesa Nacional”

Critica de acordo com o typo adoptado na E. Estado Maior

Este é o melhor dos typos que conhecemos, porque apresenta a solução do problema decorrente do raciocínio tactico, serve para que cada um faça pessoalmente a auto correção de seu trabalho, dando, finalmente, os ensinamentos que resaltam dos principaes erros commettidos, de um modo geral, sem ferir susceptibilidades.

EXAME DA SITUAÇÃO GERAL

Apôz uma batalha infeliz travada na regiao Casuarinas-Motta, o Exercito verde bate em retirada para o Norte. Este insucesso foi devido a não ter sido possivel entrar na lucta

com as divisões frescas, em tempo opportuno, pela demora na concentração.

A batalha durou desde o dia 10 até á tarde de 11.

Afim de acolher os elementos do exercito em retirada, uma de suas divisões foi estabelecida defensivamente nas alturas de Lourival Soares—Eurico—João Adolpho, tendo alem dessa missão de acolhimento, a de deter o avanço inimigo caso elle continue a perseguição em direcção ao Norte.

O exercito assim acolhido irá reconstituir-se ao Norte do Caibaté.

Qual a idéa do commandante em chefe?

Primeiramente retrahir-se para o Norte, para o que encontra condições favoraveis no terreno, o qual se apresenta propicio á defensiva. Effectivamente, o inimigo esbarra em primeiro lugar com o obstaculo do Caverá, logo depois com o divisor das aguas entre este arroio e o Jararaca, cujas cristas são perpendiculares ao eixo de perseguição (favoraveis á defesa), mas alem com um ultimo obstaculo constituido pelo Jararaca, para cahir, finalmente, sobre as posições defendidas pela IV D. I.

Em seguida, o chefe pensa, contando que o inimigo empenhado na perseguição seja detido o tempo sufficiente, contra-atacal-o pelo flanco direito com as divisões frescas já concentradas na região de S. Fernando-Brunetti, as quaes levadas á região Crystal-Telles, dahi agirão sobre as cristas Telles-Geniplo, contornando as nascentes do Jararaca, tendo como pião de sua manobra as posições da IV D. I., com o fim de atirar o grosso inimigo sobre o Ibirapuitan e mais para Oeste.

O general julga que essa contra offensiva realisada em segredo, isto é, fazendo todos os movimentos á noite, pôde decidir da victoria, com a entrada na offensiva, em tempo opportuno, da IV D. I. e depois do resto do Exercito já reconstituido.

Que pôde fazer o inimigo?

Si não ficou esgotado na batalha, é de suppor que tivesse encetado a perseguição na tarde de 11.

Em sua progressão vejamos o que pôde fazer?

Do lado de Oeste, isto é, para alem do Ibirapuitan nenhum perigo existe, porque as tropas do paiz neutro não consentirão incursões em seu territorio; para o Norte elle encontrará, como já vimos, algumas dificuldades no terreno, para finalmente, esbarrar contra as posições da IV D. I., que serão mantidas a todo custo; sómente na direcção de Nordeste o inimigo poderá tentar um movimento para agir sobre o flanco daquella D. I., aproveitando para isso o grande movimento de terreno que corre na direcção de Telles e se ramifica a Oeste de J. Adolpho (cota 155) para Noroeste, permittindo desbordar as defesas naturaes do Jararaca e seu affluente, contornando-as por suas nascentes.

Mas, temos que entrar em conta com o factor tempo; effectivamente, a batalha tendo-se decidido na tarde de 11, isto é, nas ultimas horas do dia, o inimigo organisou a

perseguição e engajou suas vanguardas contra as retaguardas do exercito verde, e estas, naturalmente manobrando em retirada, procuraram retardar o avanço daquellas, detendo-as, ao cahir da noite sobre o Caverá. Esta acção foi facilitada pela canalisação forçada da perseguição por certas partes do terreno entre os banhados existentes na margem esquerda do arroio.

Durante a noite de 11/12 o inimigo nada poderá fazer de importante, mantendo simplesmente o contacto na margem do Caverá.

Do exame desta situação e do raciocínio feito, resultam para o general, tres necessidades:

1.º Manter a todo custo, inicialmente a IV D. I. na defensiva;

2.º Cobrir o flanco exposto dessa D. I., isto é, o seu flanco esquerdo;

3.º garantir a saída do planalto de Telles para S. O. ás divisões que vão agir na contra offensiva, das quaes a mais avançada é a V D. I.

EXAME DA SITUAÇÃO PARTICULAR

Em consequencia do que ficou dito acima, o general da V D. I., concentrada na região de Brunetti, recebeu ordem de constituir e enviar um forte destacamento de todas as armas para a região das alturas de cota 135, de um lado e outro da estrada real para Caçequy, com a missão que conhecemos: Manter firme a posse dessas alturas, e assegurar, de outro lado, a saída da V D. I. para S. O.

Qual é a situação do destacamento?

Diz o thema que os seus elementos estavam reunidos nas imediações de Brunetti; portanto, dahi se conclue que as ligações entre os P. C. serão muito faceis e rápidas, principalmente entre os da D. I. e do R. I., que estão ambos em Brunetti.

Todas as ordens e instrucção foram, pois, recebidas pelo Coronel X. de viva voz no P. C. da D. I., ficando elle assim inteiramente senhor da situação, das intenções do commando em chefe e de sua missão.

Por sua vez o Cel. X. não encontrará dificuldade em convocar ao seu P. C. todos os commandantes subordinados, passando, ao mesmo tempo, o commando do R. I. ao Ten. Cel. Todos elles ficarão scientes verbalmente do que se pretende fazer, e a ordem pedida no thema será somente a confirmação por escripto das ordens verbaes,

Nota — Em principio o commando de destacamentos, como o que nos occupa, é dado a um general de brigada. No nosso caso, o general commandante da D. I. não teve culpa disso, mas sim os organisadores do thema, que o fizeram propositalmente para despertar mais o interesse dos coroneis X.

De que se trata para o cmt. do destacamento?

Primeiramente de constituir seu destacamento, o que lhe foi decreto muito facil, como vimos acima, e porque as unidades componentes foram designadas pelo commandante da D. I., com o fito de facilitar essa organisação, escolhendo as mais proximas.

Para cumprir a missão elle precisa :

1.^º marchar, em segredo, isto é, á noite, de Brunetti para a zona determinada;

2.^º ahí chegando, estabelecer-se na defensiva, e tomar todas as providencias necessárias para bem cumprir a missão.

Uma vez attingida pelo destacamento a zona determinada :

De que consta a missão? Qual o seu caracter?

Ella desdobra-se em duas partes :

A) Impedir o inimigo de avançar a Leste da IV D. I. ;

B) garantir a saída da V D. I. para S. O.

Em ambas o caracter é puramente defensivo; mas, na primeira o papel é de flanco guarda da IV D. I. e na segunda de vanguarda da V D. I.

Que faz o Cel. X. antes de partir?

Estuda bem sua missão e o modo de cumpril-a.

Para isso examina minuciosamente a carta, e, sabendo que o inimigo durante a noite de 11/12 nada pôde tentar de serio, nem tão pouco aventurar-se para N. E. sem informações, começa a estudar os meios de bem cumprir sua missão.

Assim sendo, elle vê que para cobrir o flanco da IV D. I. não tem mais do que manter as alturas de cota 135 indicadas na ordem; mas, para garantir a saída de sua D. I., cuja porta é indubitablemente Telles, precisa garantir a posse das alturas de cota 155 a Oeste de J. Adolpho, e inicialmente das de Geniplo.

Surgem dahi duas necessidades :

1.^a Estar informado do movimento inimigo desde o amanhecer de 12;

2.^a apossar-se desde o amanhecer das cristas citadas, cobrindo-se na região de Geniplo para garantir a installação do destacamento durante o dia 12 e retardar o avanço inimigo na direcção N.E.

A primeira necessidade será resolvida lançando desde já reconhecimentos, de modo que ao clarear do dia possam achar-se em observação proximo ao Caverá.

A 2.^a orientando desde a partida seus batalhões para os pontos que vão defender, e lançando o R. C. D. para fazer a cobertura, pelo menos na região Geniplo.

Como pensa o Cel. X. fazer a marcha?

De acordo com o pensamento do chefe, a marcha será feita á noite pela vantagem primordial de occultar ao inimigo o movimento das tropas.

A estrada de marcha será indubitavelmente a que liga Brunetti á Telles.

Para a hora de partida, tendo a vencer somente 17 kms. e as tropas não precisando chegar á posição seuão pouco antes de amanhecer, porque os trabalhos só serão começados apóz os reconhecimentos, já com dia, elle determina 1 hora da madrugada de 12. Assim, tudo preparado, os homens só serão accordados uma meia hora antes da partida. O R. C. D., porém, lançando os reconhecimentos imediatamente deverá partir antes da infantaria, pois, tem que fazer um percurso um pouco maior, marchando a passo, sómente pelas estradas.

2.^a PARTE DO RACIOCINIO

Visto como o thema nada diz sobre o avanço inimigo, pôde-se suppôr que o destacamento attingiu sem novidade as posições determinadas.

De que se trata, então, para o Cel X?

Em primeiro lugar de reconhecer o terreno. Passa elle então, acompanhado dos cmts. de infantaria e do da artilharia, a esse serviço examinando cuidadosamente :

a.) Os caminhamentos cobertos ou desenfiados ás vistas, que podem trazer o assaltante ás proximidades da posição;

b) os obstaculos que tolham os movimentos adversarios e os pontos pelos quaes elle é forçado a passar;

c) as partes do terreno a ocupar; quaes as que devem ser batidas efficazmente pelos fogos da defesa; quaes as que offerecem possibilidades de manobra:

1.^o para deter o inimigo com a mais poderosa barreira de fogos (inf. e art.);

2.^o para rechassal-o pelos contra ataques, e para permitir a passagem á offensiva (previsão).

Que pôde fazer o inimigo?

Pela hypothese feita, o destacamento attingiu suas posições sem novidade; é preciso, porém, contar com a possibilidade de sua intervenção e examinal-as de acordo com a situação tactica e o terreno.

Já vimos no começo deste raciocinio as possibilidades de acordo com a situação tactica; examinemol-as, pois, de acordo com o terreno.

Em frente á posição, o terreno se apresenta do seguinte modo:

A depressão do valle do **Jararaca**, que desce das alturas de cota 135, é orientada na direcção geral de Sudoeste, até ao Sul de E. Marques, e dahi para N. O.

No primeiro trecho, que mais nos interessa, diversas ravinas correm apertadas entre garupas, cujas cumiadas se articulam a duas series de cristas que vêm, a primeira de E. Marques para Nordeste, servindo de divisor ás aguas do **Jararaca** e seu affluente de Noroeste; a segunda de A. Nunes para Nordeste, em direcção a **Telles** dividindo as aguas que correm para o **Jararaca** e **Lageadinho**. Ellas se ligam por uma transversal, que partindo da cota 135 a Oeste de J. Adolpho passa pelas cotas 135.

O primeiro desses movimentos, isto é, entre o **Jararaca** e seu affluente de N. O. pôde trazer o inimigo sobre a cota 135 a N. O. da estrada geral para **Cacequy**; o segundo, isto é, entre o **Jararaca** e o **Lageadinho** tral-o-á sobre **Telles**, porta de sahida da V.D.I.

Vemos, assim claramente quaes as duas principaes direcções a barrar.

Como vae o Cel. X. cumprir a missão apesar do inimigo?

A cada uma daquellas possibilidades principaes opporá um Centro de Resistencia:

1.^o Nas alturas de cota 135 de um lado e

outro da estrada para **Cacequy** e 2.^o nas alturas de cota 155 a Oeste de J. Adolpho.

A linha principal de resistencia será localizada na crista topographica dessas alturas; primeiro, porque a crista militar ficaria muito exposta ás vistas e consequentemente aos tiros do inimigo, segundo pela necessidade de manter os excellentes observatorios que facilitarão, do nosso lado, as vistas e os tiros da artilharia amiga. Quanto aos fogos da infantaria, as vantagens são as mesmas, no nosso caso, para as duas cristas, por serem as rampas muito suaves; mas, na crista topographica os elementos de tiro ficarão mais discretamente collocados como tambem os contra ataques serão mais faceis.

A fim de impedir que o inimigo possa vir de uma só vez sobre a posição e tambem demoral-o, o R. C. D. procurará interceptar sua progressão retardando-o o maior tempo possível e o mais longe que puder, mesmo desde as alturas de cota 145 entre A. Nunes e A. Chaves.

Obrigado a retirar-se, o fará para cobrir o flanco esquerdo, descobrindo a frente do escalão de combate da infantaria, e vindo colocar seu grosso a Leste do **Lageadinho** na altura de J. Adolpho, mantendo com um esquadrão a garupa que desce para o Sul e guardando a estrada para **Rosario**.

A fim de que a defesa da linha principal de resistencia tenha o tempo suficiente de tomar dispositivo de combate, pequenos elementos de Postos avançados serão collocados: 1 pelotão na altura de cota 130 a N. E. de Cox. da arvore, destacado pelo C. R. da direita e outro pelotão na crista de J. G. Rocha, destacado pelo C. R. da esquerda.

Reservas do destacamento na região em que a estrada para **Cacequy** é cortada por dois corregos.

A artilharia tomará posição a coberto das cristas de Oliveira Telles, de modo a poder apoiar os Centros de Resistencia, quer separadamente quer em conjunto, sobre uma só frente, no caso de ser um só delles atacado, cabendo-lhe ainda atirar em frente aos elementos de Postos avançados.

A idéa do Commandante do destacamento é oppor uma primeira resistencia com o R. C. D., vigiar pelos P. A. a marcha do inimigo e, finalmente, detê-lo custe o que custar sobre a linha principal de resistencia.

O raciocínio que acabamos de fazer gerou as seguintes ordens, expressões da decisão do chefe :

V D. I.
Destacamento X.
Carta de Alegrete
Escala 1/50.000

P. C. em Brunetti, 11
de Junho 20 (vinte)
horas.

ORDEM DE OPERAÇÕES N.º 1
(MOVIMENTO PARA A NOITE DE 11/12)

I—Informações sobre o inimigo—(No caso dadas verbalmente aos cmts. de unidades).

II—Fica constituído sob minhas ordens o destacamento X, composto de :

17.º R. I. cmt. Ten. Cel. R (fiscal);
1.º e 2.º G. do 9.º R. A. M., cmt. Ten. Cel. P. (fiscal);

5.º R. C. D., cmt. o Cel. O;

Pelotão de Sapadores, cmt. Ten. M.

III—Missão do destacamento :

Estabelecer-se defensivamente na região das alturas de cota 135, de um lado e outro da estrada geral para Cacequy, afim de impedir o avanço inimigo a Leste da IV D. I., e garantir a saída da V D. I. para S. O.

Em consequência :

IV—A Cavalaria marchará á 0 (zero) horas para a região de Geniplo (Motivo de ordem particular n. 1), afim de cobrir a instalação e ulteriormente retardar o inimigo.

O R. I. marchará para o Sul, na seguinte ordem :

Vanguarda, sob o commando de um major:

2 Cias. do 17 R. I.;

Pelotão de sapadores.

Distancia, 500 metros;

Grosso, sob o commando do Ten. Cel. do R. I.:

17.º R. I. (menos duas cias.).

A artilharia seguirá o R. I. a 200 metros do ultimo elemento da cauda, e não ultrapassará Oliveira Telles.

Marcharei com a Vanguarda.

Itinerario Estrada Brunetti—Palma—Telles.

Hora da partida. A testa da vanguarda passará á 1 (uma) hora e 20 minutos no pequeno mamelão de cota 130 ao Sul de Brunetti.

V—T. C. com suas unidades.

VI—P. C. do destacamento, da artilharia e do R. I. em Telles (fim de marcha).

Destinatarios

V D. I....1

17.º R. I....4 O cmt. do destaca-
Artilharia do dest...3 mento Cel. X.

Sapadores....1

Supplementares..3

12 exemplares

V D. I.

Dest. X.

Carta Alegrete

Escala 1/50.000

P. C. em Brunetti, 11 de Junho 20 (vinte) horas e 30 (trinta) min.

ORDEM PARTICULAR N. 1

(PARA A NOITE DE 11/12)

Ao Cmt. do 5.º R. C. D.

I—Informações sobre o inimigo (As mesmas dadas verbalmente).

II—Reconhecimentos. Dois reconhecimentos de oficial (1 oficial e 6 praças) serão lançados imediatamente, respectivamente nas direcções de Telles—Geniplo—Martiniano—Ar. Caverá e A. Chaves—Caverá.

Missão: Informar desde o amanhecer de 12, o movimento do inimigo, sua direcção, qualidade e quantidade da tropa.

Informações ainda que negativas para Telles, a partir de 6 horas de 12.

III—Missão do R. C. D.

O R. C. D. partindo á 0 (zero) horas pelas estradas Brunetti—Telles—Estrada geral para Cacequy estrada J. G. Rocha. G. Mello, deverá alcançar com seu grosso, pouco antes de amanhecer o dia as alturas de Geniplo, lançando uma vanguarda de 1 esquadrão para o cruzamento ao N. de A. Nunes. Missão do R. C. D: cobrir a instalação da infantaria e artilharia, e ulteriormente oppôr-se a todo avanço inimigo para N. E. em direcção a Telles.

Em caso de ser fortemente atacado e obrigado á retirada, retrahir-se-á pelo valle do Lageadinho, para as alturas de J. Adolpho, cobrindo com o grosso o flanco esquerdo do destacamento na margem Leste desse arroio, mantendo com 1 esquadrão a garupa que desce a Oeste do arroio, e vigiando a estrada para Rosário.

IV — Uma ligação de oficial, partirá ao mesmo tempo que o Regimento pela estrada do Passo do Iraum para João Adolpho, de onde irá ter ao P. C. da IV D. I. Esta divisão tem seu flanco esquerdo nas alturas de cota 125 a leste de João Adolpho. O oficial receberá instruções neste P. C. ás 21h.30m.

V — P. C. do R. C. D. comunicado, em fim da marcha, para Telles na manhã de 12.

Destinatários :

V D. I. 1	Cel. X. Comt. do Dest.
R. C. D. 1	
Dest. 1	

3 exemplares

V D. I.	P. C. em Telles,
Dest. X	12 de Junho, 8
N. 2	(oito) horas
Carta de Alegrete	
Escala 1/50.000	

ORDEM DE OPERAÇÕES N. 2 (PARA O DIA 12)

I — Nenhuma informação nova sobre o inimigo.

II — Missão do destacamento. (Vide parag. III da ordem n. 1).

III — Em consequencia :

A) O destacamento vae organizar sua posição defensiva com 2 Centros de Res.

Límite dos quarteirões :

Oliveira Telles — nascente ao Sul da cota 135 — arroio Jararaca — (inclusive para o 1.º C. R.) :

a) 1.º C. R. Organisado por um btl. do 17.º R. I. nas alturas de cota 135 a N. O. e á cavalleiro da estrada geral para Cacequy.

Missão. Deter a todo custo o inimigo que se apresente de S. O. vindo pelo movimento do terreno entre o Jararaca e seu affluente de N. O., e pelas nascentes immediatamente ao Sul das alturas de cota 135.

Linha de resistencia. Crista topographica.

Postos avançados. 1 pelotão para as alturas de cota 130 a N. E. de C. da Árvore, destacado pelo C. R. e em ligação com seu escalão de combate, com a missão de assignalar a approximação do inimigo.

Ligações lateraes. 1 pelotão com 1 secção de mtr. fará a ligação com a IV D. I. na garupa a N. O. da posição de resistencia a

cavalleiro de E. Terro, guardando especialmente a ravina que corre para S. O.

Um destacamento mixto de um grupo de combate de cada C. R. e uma secção de mtr. em posição na garganta a 2 km. N. O. de J. G. Rocha, fará a ligação entre os C. Re. e impedirá que o inimigo progrida pela ravina que desce para S. O. entre os dois C. R.

P. C. do cmt. do C. R. na contra vertente da altura de cota 135 a cavalleiro da estrada geral.

b) 2.º C. R. Organisado por 1 btl. do 17 R. I. nas alturas de cota 155 a Oeste de J. Adolpho.

Missão. Impedir que o inimigo desemboque da garganta a S. O. e da garupa de J. G. Rocha e tome pé nas alturas de cota 155.

Linha de resistencia. Crista topographica.

Postos avançados. 1 pelotão para as alturas de J. G. Rocha, destacado pelo C. R. e em ligação com o escalão de combate, com a missão de assignalar a approximação do inimigo.

Ligações lateraes. O C. R. fornecerá um grupo de combate e o oficial para o destacamento mixto da garganta a N. E. de J. G. Rocha.

O C. R. procurará ligação com o grosso do R. C. D. que se acha nas alturas de Genipó.

P. C. do C. R. Contra vertente N. E. da altura de cota 155, a Oeste de J. Adolpho.

IV — Cavallaria. Sem alteração.

V — Reserva do destacamento. 1 batalhão do 17 R. I., na estrada geral para Cacequy, proximo ás ravinhas que a cortam (na palavra Cacequy) e articulado de modo a poder contra atacar quer para S. O., si o inimigo tomndo pé nas alturas de cota 155 dirigir-se para N. O., quer para S. E. si elle se dirigir para N. E. Ficará, outrossim, prompto a correr em auxilio das forças que guarnecem as alturas de cota 135 (1.º C. R.).

Estas missões e a possibilidade de execução serão estudadas desde já pelo Ten. Cel. cmt. do R. I.

VI — O pelotão de engenharia ficará inicialmente encarregado da construção dos P. C. do destacamento e R. I. e dos P. O. respectivos e da artilharia, melhorando em seguida as comunicações.

VII — A artilharia tomará posições a coberto das cristas a Oeste de Oliveira Telles. Organisação do comando.: 1 unico agrupamento sob o comando do Ten. Cel.

Missões : 1 grupo de apoio directo a cada C. R.

Os dois grupos agirão eventualmente em conjunto sobre a frente de um dos C. R., caso o inimigo o ataque isoladamente.

Os grupos apoiarão inicialmente a retirada dos P. Avançados.

Objectivos e missões de tiro determinados por acordo entre os commandantes dos C. R. e dos grupos que os apoiam.

VIII — Cia. de mtr. p. á disposição do Ten. Cel. para os flanqueamentos.

IX—Conducta em caso de ataque.

O R. C. D. procurará manter-se o maior tempo possível, impedindo a passagem do inimigo para N. E. Caso seja forçado á retirar-se, fal-o-á combatendo e de modo a descobrir a frente do escalão de combate da infantaria, e irá cobrir o flanco esquerdo do destacamento na altura de J. Adolpho, guardando a estrada de Rosario e a garupa ao Sul de J. Adolpho.

Os P. A. darão signal da presença do inimigo em sua frente e retirar-se-ão protegidos inicialmente pelo fogo da artilharia para os flancos direitos de seus C. R., de modo a descobrir a frente do escalão de combate, passando á reserva do R. I.

As tropas, que guarnecem a linha de resistência principal, resistirão a todo custo sobre a posição.

Os contra ataques previstos para a reserva serão desencadeados por ordem deste comando.

X—Ligações e transmissões—P. C.

O R. I. fará estabelecer a réde telephonica entre o P. C. do destacamento e os P. C. dos btl's; centro no P. C. do R. I.

Posto optico do R. I. na elevação de cota 155 ao N. de J. Adolpho, a cavalleiro da estrada geral.

O posto de T. S. F. será installado junto ao meu P. C.

O official de ligação enviado junto ao P. C. da IV D. I. continuará em sua missão.

P. C. do destacamento e da artilharia Telles.

P. C. do cmt. do R. I. e do btl. de reserva, cota 155 cortada pela estrada geral.

P. C. dos C. R. respectivamente nas zonas já determinadas, e cuja locação definitiva será participada a este commando com brevidade.

XI— Os T. C. 1c continuam com suas unidades; T. C. 2 reunidos na região de Telles.

As viaturas de ferramenta do R. I. distribuirão no ponto da estrada geral 2 km. a S. O. de Telles, a partir de 9 horas.

Destinatarios:

IV e V D. I.....	2
R. I.....	4
Art.....	3
R. C. D.....	1
Sapadores.....	1
Dest.....	2

O Cel. cmt. do dest. X

13 exemplares

ENSINAMENTOS QUE RESALTAM DOS PRINCIPAIS ERROS

Nas marchas á noite:

A infantaria marcha pelas estradas com a velocidade de 2 a 3 km. por hora e não pelos campos; as distâncias entre as unidades são encurtadas.

A cavallaria marcha também a passo pelas estradas, sendo preferível independe da coluna de infantaria. A vanguarda da coluna não necessita de cavallaria porque á noite o inimigo é reconhecido mais com o ouvido que com a vista; uma pequena segurança de infantaria será o bastante.

A artilharia marcha sempre na cauda da columna, porque á noite ella nada poderá fazer e precisa ficar ao abrigo de qualquer surpresa. Em fim de marcha não convém, sendo ainda noite, retirar-a da estrada.

A missão

A missão é essencial; jamais deverá ser alterada, constituindo isso um erro gravíssimo que pode trazer consequências desastrosas.

Nunca esquecer de dar missões ás unidades subordinadas; no campo de batalha por menor que seja a unidade terá sempre uma missão a cumprir.

Na missão de contra ataque é preciso notar bem que essa operação, sendo executada pela reserva, é um verdadeiro ataque apoiado pela artilharia e por isso deve ser estudado meticulosamente. Essas acções nunca serão conduzidas pelas baixadas, mas sim pelas cristas, procurando tomar o inimigo de flanco.

Limits

Os limites são dadas por linhas, mas nunca pelas cristas ou estradas, porque assim nenhum dos C. R. as defendem.

Ligações

Para bem estabelecer as ligações é basico saber os lugares dos P. C. Todas as ligações

de P. C. a P. C. de Det. ou divisão são feitas por oficial.

Os postos ópticos são estabelecidos automaticamente pelas unidades subordinadas, bastando sómente que saibam onde está estabelecido o da unidade superior ou do comando.

A T. P. S. só alcança 2 km. e é estabelecida entre os batalhões e o P. C. do R. I. quando estão ao alcance.

T. E. e T. C.

Não confundir T. E. (trens de estacionamento) com T. C. (trens de combate).

Os T. E. são na realidade órgãos regimentais, mas, recebem ordens da divisão; os T. C. recebem ordens do cmt. do regimento.

Organização

Todo o trabalho das trincheiras é feito pelas tropas de infantaria; a engenharia faz sómente o estaqueamento. O pelotão de sapadores deve ser empregado, no nosso caso, para a construção dos P. C. do det. e R. I. e nas comunicações.

Artilharia de apoio

Em princípio, cada batalhão em escalão de combate é apoiado por um grupo inteiro; não é admissível sua divisão em agrupamentos de 2 baterias.

Os dois grupos, constituindo um só agrupamento poderão desempenhar-se de todas as missões eventuais que surgirem.

Raciocínio tático

Sentimos bastante que a maioria dos nossos camaradas tivesse abandonado os conselhos que demos junto ao tema; guiados por elas, os seus raciocínios teriam sido certamente mais firmes e trazendo decisões precisas.

A comissão :

PAES D'ANDRADE

A. PAMPHIRO

L. PROCOPIO S. PINTO

*

O JULGAMENTO

Das soluções apresentadas, após uma meticulosa comparação, a comissão julgou merecedora do 1.º lugar, com 8 pontos, a que foi apresentada pelo Sr. Capitão Renato Paquet, a quem cabe, pois, o prêmio estabelecido pela Defesa Nacional.

Caso seja desejo do Sr. Capitão Paquet, a sua solução será publicada no próximo número.

A todos os camaradas, que concorreram, mais uma vez, agradecemos a sua boa vontade e pedimos que continuem a honrar-nos com seus trabalhos, dispondo, como sempre nesta casa, de seus companheiros constantemente dispostos a servil-os.

Contamos com maior numero de soluções no proximo tema, insinuando áquelas que por motivo qualquer deixarem de remeter seus trabalhos, que o façam sem receio, pois, além da reserva que guardamos sobre as soluções não premiadas, só a comissão lê as provas e as julga. Não é um concurso, mas sim uma correspondência tática entre camaradas, muito particular e muito affectiva, com o fim especial de despertar o gosto pelos problemas táticos e pol-los, se possível, na classe das coisas de uso corrente e continuo. A Defesa Nacional considera esse emprendimento como um dever e o cumpre com toda satisfação.

A Redacção.

Em seguida publicamos as notas tomadas na Escola de Aperfeiçoamento na aula de Tática Geral, do snr. coronel Barat.—E' mais um precioso auxílio aos principiantes.

CONSELHOS PARA O ESTUDO DE UM PROBLEMA TÁCTICO

Cel. Barat

1923

A existencia humana acarreta uma serie continua de problemas, que necessitam ser resolvidos da melhor forma possivel, quando se quer viver nas melhores condições—Mas estes problemas, salvo para os dirigentes, politicos, industriaes, financistas, são geralmente individuaes—Suas soluções interessam apenas a uma individualidade e áquelas que a cercam—Quasi sempre são problemas simples que podem ser estudados com vagar. A educação e a instrução permitem resolver a maioria destes problemas simples da vida,—pelos reflexos, resultantes da repetição quotidiana.

Na guerra, que constitue uma forma punidente da luta pela vida, os problemas que surgem a todo momento, interessam a centenas, a milhares de homens e apresentam quasi sempre grande complexidade, porque não se baseiam exclusivamente em factores materiaes, mas tambem em factores moraes que variam constantemente; ainda mais, ahí as soluções devem ser proporcionadas rapidamente, algumas vezes, mesmo,

imediatamente.—E' por isso que o espirito do chefe deve ser educado para agir no campo de batalha pelos reflexos; que sua decisão surja com a mesma rapidez do tiro do caçador num passaro voando. Mas, da mesma maneira que —o caçador tem necessidade de uma longa educação para tornar-se um bom atirador, educação visando o treinamento dos nervos, do physico, da vontade e cuja base assenta na execução methodica e repetida dos mesmos actos—o chefe, para obter reflexos, deve exercitar seu cerebro, a principio lentamente e depois com rapidez crescente até conseguir, no tempo exigido em uma situação de guerra, uma decisão firme seguindo-se imediatamente á concepção logica e precisa.

Mas, para isso, torna-se necessário seguir um metodo rigoroso e sempre o mesmo.

E' este metodo que me proponho analyssar com os senhores; applical-o-hemos ao estudo de nossos problemas tacticos: themas e exercícios executados na carta e no terreno; tereis occasião de applical-o nos Estados Maiores ou corpos de tropa, seja para dirigir a instrucção, seja para execução de manobra.

Um thema tactico comporta:

- uma situação geral;
- uma situação particular relativa a unidade considerada;
- uma missão dada a esta unidade.

Baseado nestes dados, o chefe deve formular a concepção de sua manobra, concluir por uma decisão que se traduza em ordens, fixando as condições de execução; finalmente, si se trata dum exercicio, executar esta manobra e conservar constantemente a sua direcção.

Examinaremos sucessivamente estas diversas partes, insistindo especialmente no *methodo* a que nos referimos.

I — Concepção

Em primeiro lugar, trata-se de fixar nitidamente a situação geral e a situação particular da unidade de manobra, no momento em que seu chefe recebe a missão.

Quando o problema é formulado por escripto, exemplo um thema tactico, e se este thema não indica com precisão a situação da unidade, é preciso, antes de tudo, determiná-la.

Supponhamos que o thema indica:

«O I.^o/10.^o R. I. está a tal hora em reserva da Bda., em tal região, quando o Cmt. recebe a seguinte missão: ...»

A primeira providencia a ser tomada pelo chefe, antes de examinar a nova missão, consiste em locar com precisão no terreno ou na carta os diversos elementos do Btl., no momento em que recebe a sua missão. Para determinar essa localisação, deve examinar a missão precedente, que naturalmente exigia uma articulação visando diversas hypotheses sobre a acção do Btl.; ainda mais, deve também precisar as ligações que existem com as unidades vizinhas ou com as unidades de apoio.

Em seguida, passa-se ao exame da missão recebida—Aqui, importa responder com precisão e clareza a questão: De que se trata?

Surge então a analyse do problema.

Tomenos, para exemplo, um Det. que recebe uma missão de segurança; vanguarda, flanco-guarda ou retaguarda.

De acordo com o caso, deve-se examinar e precisar a missão de segurança: em que consiste, quando se inicia, quanto tempo dura.

Esta questão da definição precisa da missão é de importância capital, e para evitar duvidas convém que seja fixada com nitidez.

Quando a missão está precisamente definida, estuda-se os meios que o inimigo pôde emplegar para impedir seu cumprimento.

Exemplo: na situação de um Det. em segurança, examinar por onde o inimigo pôde se apresentar—concluir quaes as informações necessarias, e em que condições de tempo devem ser obtidas para que o Det. possa agir oportunamente.

Ao exame das possibilidades do inimigo, segue-se a analyse do terreno, tanto sob o ponto de vista subjectivo como no ponto de vista objectivo.

Seja por exemplo:

a) Situação de um Det. de segurança—Neste caso, deve-se examinar: o terreno que o inimigo pode atingir sem comprometter a segurança; o terreno que não deve atingir—Em consequencia, deduzir a posição de resistencia a escolher ou a direcção do ataque a efectuar.

b) Situação de um Btl. que recebe uma missão de ataque — Ahi, deve-se examinar o terreno sob os seguintes pontos de vista:

1.^o) idéa geral e de conjunto da operação — quae os pontos do terreno que seria vantajoso tomar para quebrar a resistencia do conjunto — qual a parte do terreno que offerece maior facilidade para manobra.

2.^o) facilidade de approximação — caminhamentos, geralmente pelas baixadas.

3.^o) acção pelos fogos, geralmente pelos pontos elevados; flanqueamentos a realizar — procurar investir pelos fogos contra o objectivo a atacar.

Do exame precedente deve-se concluir a idéa de manobra, e expol-a claramente aos subordinados.

Da idéa de manobra deduz-se, então:

1.^o) Os objectivos successivos a attingir, ou a posição de resistencia a escolher.

2.^o) Os meios a empregar no inicio da operação, e successivamente sobre cada um dos objectivos.

3.^o) Como consequencia, o dispositivo a realizar — dispositivo baseado sobre a acção a conduzir e sobre a segurança a realizar durante esta acção.

Cada unidade deve participar em uma unica acção; pôde receber missões sucessivas mas não missões simultaneas e diferentes — A missão de cada unidade deve ser fixada com precisão, para determinar nitidamente as responsabilidades; mas, deve se ter o cuidado de deixar aos Cmto. de unidades a escolha dos meios a empregar.

4.^o) As ligações que devem ser estabelecidas entre as unidades do Cmdo. e com as unidades vizinhas. Meios de transmissões a prever.

II.^o — Decisão.

A concepção da manobra, quando bem fixada, gera a concisão; em consequencia, deve-se passar á redacção das ordens com clareza e decisão, empregando os modelos regulamentares (R. S. C. ou Reg. das Armas).

III.^o — Preparação.

Antes da execução executar todos os preparativos em sigillo, afim de realizar a surpresa. Vigiar a execução das ordens.

IV.^o — Execução.

Durante a execução conservar a direcção do combate; para isso, no inicio manter as reservas necessarias, e providenciar para reconstituir-as quando forem empregadas.

No caso de um ataque, explorar rapidamente os successos obtidos, exercendo o esforço principal sempre nos pontos em que o inimigo estiver cedendo — Assegurar a conservação dos contactos.

Façamos applicação das idéias que acabamos de expôr a um tema de ataque.

Supponhamos o ataque de um Btl. com apoio de Art.; o methodo de exame comportará, neste caso, o seguinte:

1.^o — Fixar a situação inicial do Btl. — Seu dispositivo no momento da recepção da ordem. Logar do Cmt. do Btl. Ligações estabelecidas com a Art. e unidades vizinhas.

2.^o — Examinar a missão. De que se trata?

3.^o — Analysar a situação do inimigo na frente de ataque. Resultado dos reconhecimentos.

4.^o — Examinar: como se apresenta o terreno sob o ponto de vista do movimento e quanto ao fogo (apoio do movimento); como se deve fazer o ataque do forte ao fraco, isto é, tendo-se mais possibilidade de desenvolver maior potencia do que aquella que o inimigo nos poderá offerecer — se esforçar para realizar a investida pelo fogo. Analysar, em que direcção é mais vantajoso agir ou atingir um objectivo, cuja posse trará como consequencia a ruptura ou desequilibrio do dispositivo inimigo.

5.^o — Deduzindo a idéa de manobra, examinar em consequencia:

a) A direcção a dar ao grosso do Btl. — os objectivos successivos e valor relativo de cada um, tendo em vista que: quanto maior a frente de ataque, tanto mais fracos serão os meios de fogos disponiveis, tanto maior a necessidade de decompor a manobra.

O emprego das forças necessarias sobre cada um dos objectivos; donde consegue-se o dispositivo de ataque que é função: da frente de ataque, da profundidade, do terreno de ataque e dos objectivos successivos.

Deve-se dar frentes largas ás unidades encarregadas, de accôrdo com o pensamento do chefe, de uma acção secundaria; frentes estreitas e escalonamentos em profundidade ás unidades que exercerão o esforço prin-

cipal — o escalonamento em profundidade facilita o Cmto. e assegura a successão dos esforços.

Deve-se ainda prever as unidades que constituem o segundo escalão e a reserva, collocando-as de acordo com as previsões de seu emprego e com a idéa de manobra.

b) A localisação dos órgãos de fogo do Btl. que apoiam o inicio do ataque. Empregar o maximo de metralhadoras, sem com isto as collocar á disposição das unidades.

Prever o avanço progressivo por escalões dos órgãos de fogo. A maior parte dos órgãos de fogo devem estar sempre em situação de apoiar o ataque.

c) A segurança do ataque, particularmente quando a unidade opera em uma ala ou quando sua situação está mais avançada em relação ás demais.

6.^º — Fixar cuidadosamente :

a) A missão e posições da artilharia de acompanhamento imediato.

b) Os pedidos a fazer á artilharia de apoio directo, segundo as circunstâncias.

1.^º — Se se torna necessário uma preparação, e qual deve ser sua duração. Quando existem rôdes e não se dispõe de carros de assalto, uma preparação é indispensável para abrir as brechas.

2.^º — Para os tiros de acompanhamento: si existe uma base de partida para o assalto imediato, possibilidades de emprego de um horario para regular o transportes das concentrações (excepcionalmente, barragem rolante com pouca profundidade);

Nos demais casos, ordenar concentrações sucessivas nos diversos objectivos, levantadas a pedido de Cmt. do Btl., geralmente por foguetes — adoptar convenções simples para evitar possibilidades de erros.

c) Si certos tiros de protecção são necessários.

7.^º — Examinar as ligações a prever — eixo de deslocamento do P. C.

8.^º — Si o Btl. não está em condições de atacar, organisal-o executando esta operação em sigillo.

9.^º — Assentadas essas idéas, em suas grandes linhas, redigir a ordem de ataque seguindo os paragraphos dos Mementos de ordem indicados nos regulamentos, modifi-

cando, se necessário, a ordem dos paragraphos, desde que assim exija a maior careza.

A frente de ataque para as unidades de Inf. varia dentro dos seguintes limites :

Companhia — contra posições fortificadas, 200 a 300 ms.; em terreno livre 300 a 600 ms.

Batalhão — contra posições fortificadas, 400 a 600 ms.; em terreno livre, 600 a 1.500 ms.

Apoio pela Artilharia.

Uma Bia. pôde fazer concentrações (fogo sobre zona) em uma frente de 300 a 400 ms.; uma barragem rolante, em uma frente de 100 a 200 ms.

Um grupo com tres Bias. pôde fazer concentrações em uma frente de 600 a 1.200 ms.; uma barragem rolante em uma frente de 300 a 600 ms.

No Brasil, quasi sempre o apoio directo comportará no maximo um grupo de Btl.

A comparação entre as frentes de ataque e as possibilidades de apoio, indica a necessidade da decomposição da manobra, na successão de objectivos, desde que a frente de ataque ultrapasse a frente maxima indicada para as unidades de Inf.

A barragem rolante só poderá ser empregada em casos muito excepcionaes, tendo em vista o forte consumo de munições que acarreta e a extensão da frente na qual deve agir, para ser efficaz.

Uma barragem rolante de duração muito curta pôde ser prevista para o desencadear de um ataque.

Appliquemos, para finalisar, o mesmo methodo a um thema defensivo.

Na defensiva, torna-se necessário :

1.^º — Examinar a situação da unidade que deve tomar a attitude defensiva.

2.^º — Fixar a missão — **De que se trata?** Geralmente, ganhar tempo — Conservar a posição com o minimo de forças, afim de permitir o emprego do grosso em uma outra frente (direcção) — **economia das forças**.

Modo de acção : defesa de uma unica posição ou defesa escalonada em profundidade.

Muitas vezes, a installação do grosso em uma posição de resistencia, exigirá acção

retardadora sobre o inimigo exercida : seja por intermedio de uma posição de P. A., seja pela manobra em retirada.

3.º — Examinar, como o inimigo pôde se apresentar — condições de esforço e tempo. Informações a buscar.

4.º — Examinar o terreno no ponto de vista da defesa :

a) Si a defesa se deve fazer em uma unica posição, escolher a posição principal de resistencia de maneira a —

1.º — Organisar uma rête de fogos de Inf. crusados e profundos, realisando ainda na frente uma barragem de fogos tão completa quanto possivel;

2.º — permittir a accão efficaz da Art. para apoiar a defesa ;

3.º — facilitar os contra ataques, particularmente nas frentes onde a situação tactica indica como de conservação essencial; ou que o terreno indica como as mais fracas; frentes para onde se dirigem os melhores caminhos do lado do inimigo ; locaes sobre os quaes o inimigo pôde fazer possantes concentrações de fogos — frentes importantes, cuja queda quebraria o sistema de defesa.

b) Caso se tenha que fazer defesa em profundidade (retrahimento systematico), examinar como se apresenta o terreno para a manobra.

As posições provisórias de resistencia, que são posições de fogo, devem ser escolhidas em locaes com vastos campos de tiro, em cristas ou cobertas por mascaras (localidades, bosques) que permittam, ás diversas fracções em contacto, fazer a retirada ao abrigo das vistas inimigas.

5.º — Deduzir das condições precedentes a idéa de manobra, e consequentemente o emprego do grosso das forças :

a) No caso da defesa em uma unica posição, examinar se o grosso deve ser instalado na posição de resistencia ou ser reservado — para agir em contra ataque.

Geralmente, quanto menor a unidade, maior a necessidade da organisação de uma barragem possante de fogos.

Examina, ainda nesse caso, se para iludir o inimigo quanto á situação real da posição de resistencia, não seria vantajosa a organisação de uma primeira resistencia na posição dos P.A.

b) No caso da defesa em profundidade, examinar como deve ser realizado o dispositivo geral. Tanto quanto possivel, installar as unidades em profundidade nas diversas posições, afim de facilitar o Cmdo. — Utilizar, de um modo completo, a potencia de fogo dos orgãos susceptiveis de tiros a distancia, metralhadoras, Artilharia.

6.º — Fixar o dispositivo das tropas na posição de resistencia ; existe sempre vantagem em dispor as unidades em profundidade — R. I. juxtapostos, ou successivos.

Repartição do terreno — Centros de Resistencia — Btl. juxtapostos — Divisão do terreno para limitar a progressão inimiga.

Missão das unidades em primeiro escalão.

Distribuir ás unidades encarregadas da defesa dos pontos mais fracos, frentes menores, afim de que possam conservar elementos de apoio para agir em contra ataques immediatos.

7.º — Segurança — Postos Avançados — Missão.

8.º — Missão e articulação das unidades reservadas.

Contra ataques previstos — Base para esses contra ataques (divisão do terreno).

9.º — Apoio da defesa pela Art. :

1.º) para deslocar o ataque inimigo antes da partida (contra preparação). Esses fogos são fixados pela autoridade superior, em principio pelo Gen. Cmt. da D. I. ;

2.º) para a defesa das posições avançadas;

3.º) para a defesa da posição de resistencia.

Nestes dois ultimos casos, o Cmt de Inf. da unidade apoiada, fixa as frentes em que necessita fogos de deter ;

4.º — para apoio aos contra ataques.

10.º — Ligações a estabelecer — 1.º) com as unidades vizinhas — 2.º) em profundidade.

11.º — Organisação dos trabalhos — Emprego das unidades de Eng. : — 1.º) para as comunicações ; — 2.º) para execução dos trabalhos technicos.

P. G. — observatorios, etc.

E' preciso frisar que no inicio da defesa, geralmente, não se emprega Art. de acompanhamento immediato ; agindo as Btias de Mth. em apoio directo ás ordens do Cmt. da Art., algumas vezes repartidas, afim de que possam ser empregadas com aquella missão na exploração do sucesso.

EXEMPLO DE BRAVURA

Do livro *Cartas da Campanha*, do Visconde de Taunay, recentemente publicado sob a direcção do Sr. Affonso d'E. Taunay, cuja piedosa dedicação filial está salvando do esquecimento todos os ineditos do autor, transcrevemos a seguinte pagina, para maior divulgação em todos os nossos quarteis.

«Só no dia 1.^o de Janeiro de 1865, isto é, quasi uma semana depois de transposto o rio Apa, foi que o corpo de exercito do coronel Resquin chegou á margem esquerda do rio Desbarrancado, de que o Feio é confluentes.

Do outro lado se achava o tenente-coronel Antonio José Dias com umas cem praças, quando muito, montadas em mós cavallos.

Mandou o commandante da vanguarda paraguaya chamal-o para uma conferencia, na qual lhe fez vêr a impossibilidade de qualquer resistencia e a conveniencia de immediata rendição, em vista da desproporcionalidade das forças que por ventura pudesse entrar em luta, contando o que se passára na colonia Dourados e a morte do tenente Antonio João Ribeiro.

Se, de uma parte, o commandante brasileiro reconheceu a verdade das allegações, de outra repelli sem vacillação o convite, fazendo crér que dispunha de elementos para defender o distrito de Miranda em sua porção septentrional.

Finda a entrevista, sustentou tiroteio por algum tempo, cortou a ponte que lá havia, e retirou-se em bôa ordem, francamente perseguido por pequenas partidas inimigas, que transpuzeram o Desbarrancado.

Como era natural, aquelle movimento retrogrado dos nossos fez-se um tanto acce-

leradamente. Iam os cavallos a galope e meio galope.

Logo em principio, afroxou o animal de um soldado, que se achou, em breve, impossibilitado de acompanhar os camaradas.

Viu-se perdido.

Quiz, em todo caso, vender caro a vida. Despresando metter-se no matto e por elle fugir, como lhe fôra facil, apeou-se com toda calma, soltou o animal e, de pistola em punho, pôz-se sosinho, a esperar o inimigo, todo um exercito, no meio da larga estrada, que scintillava aos raios de ardente sol.

Vinham os perseguidores á disparada.

Com tiro certeiro derrubou o primeiro que lhe ficou ao alcance e, desembainhando a espada, atirou-se como um louco sobre os que vinham chegando, ferindo gravemente dous ou tres. Afinal, cércado de todos os lados, succumbiu ao numero.

Era da tempora dos heróes medievaes.

Chamava-se Gabriel Barbosa. Seja o nome desse simples soldado conservado para honra de todo o Brazil.

Dessa proeza, que o mysterio do sertão não poude sepultar no esquecimento, deu-nos testemunho irrecusavel uma grande cruz de madeira, em cujos braços horizontaes se lia a seguinte inscripção :

«Aqui murió el soldado de caballeria Ezebio Gama en accion de Guerra — Enero 1 — 1865». (sic)

Ao pé dessa cruz se achava o crâneo do valoroso brasileiro, com uma fenda enorme de quasi uma pollegada de abertura.

Tambem só um golpe destes, como que de espada brandida por algum par de França, era capaz de dar cabo de tão denodado e teimoso guerreiro !

F. J. PINTO

A SÉDE DA COMPANHIA DE PONTONEIROS

Em relatorio, que apresentei, dos trabalhos effectuados na Barra do Pirahy, mostrei a imperiosa necessidade de ser mudada a séde da Companhia de Pontoneiros do 1.^o B. E.

Quasi todos os meus antecessores no commando desta Companhia têm pugnado por essa ideia, cuja defesa se nos impõe logo aos primeiros contactos com as dificuldades da instrucção.

Em Villa Militar só ha um pequeno rio (o Maranguá), onde se não podem senão lançar pequenos pontilhões.

Com a séde da Companhia, nessa localidade, perde a Nação, o Exercito e o sertanejo.

A Nação, porque gasta sem grande proveito o seu dinheiro; o Exercito, porque fica desprovido desse elemento necessário á sua vida em campanha; e o sertanejo, por-

que deixa de ganhar a energia e o vigor em uma das instruções mais trabalhosas, ao mesmo tempo que mais divertida.

Durante a administração Calogeras batime por essa ideia da mudança, que não logrei ver vitoriosa.

Construio-se então um lago, para suprir a deficiencia do rio. Não fui partidario dessa construcção, porque no lago não se teria a corrente, que é elemento essencial á instrucção do pontoneiro.

Em um rio com corrente o sorteado chega a principio com receio, para depois desprezar-lhe os perigos, pelo habito que adquire em enfrental-os.

O Commandante da Companhia desdobra-se, no começo da instrucção, em cuidados e providencias, para não ver desaparecer um desses homens, que lhe foram confiados e que lhe prestarão certamente serviços inestimaveis, nas dificuldades que em conjunto vão enfrentar.

O sorteado, de fraco e timido que era, transforma-se em pouco tempo em homem forte, destemido e intrepido, affeito a todos os perigos.

E' um elemento de valor que a Nação ganha e é um amigo, que o Commandante da Companhia obtém.

Durante 38 dias em que estive em Barra do Pirahy com a Companhia de Pontoneiros do 1.^o B. E., tive a satisfação de notar que, em um rio de verdade, se por um lado a instrucção dessa Companhia é muito trabalhosa, por outro é muito attrahente.

Apezar dos meus soldados, em numero insuficiente, terem feito trabalhos de duas Companhias divisionarias, por terem lidado com duas equipageus de ponte, a franceza e a brasileira, nunca lhes vi a menor sombra de contrariedade, emprenhando-se todos por satisfazer a tarefa que lhes era imposta. A vida passava rapidamente, em uma constante mutação de accidentes diarios. Hoje era um cavallo que cahia n'água e que em perigo de vida era salvo por um soldado abnegado; logo após era um neophyto em natação, que a corrente arrastava e que era salvo por companheiro audaz. E depois eram os serviços: construções de pontes de circumstancia, de equipagem, portadas, trechos de ponte, etc., não levando em conta os concursos de natação, navegação, passagem de cabo e a propria equitação, em que os soldados têm que se exercitar, para fazer a tracção das nossas viaturas.

*

Mas se a Villa Militar não se presta para sede da Companhia de Pontoneiros, conviria reconhecer os logares que pudessem servir para essa sede. De dois delles já posso dar opinião, o rio Parahyba e o Tieté, o primeiro por termos trabalhado n'elle durante mais de um mez e o segundo por termos construído uma ponte de circumstancia, durante as manobras de S. Paulo, em seu affluente — o Pinheiro, que tem 25^m,5 de largura e uma corrente de mais ou menos 0^m,80 por segundo.

Em Barra do Pirahy estivemos acampados na ilha Assumpção, a montante da grande ponte metallica da rede Sul-Mineira. É uma ilha aprasivel, com forma irregular, estreita e muito comprida, tendo uma parte alta, cuja diferença de nível em relação ao rio é de 3^m,480 e uma outra parte, que é bastante baixa e humida.

A largura média da ilha é de 51 metros, sendo a sua extensão de 590 metros entre as suas cabeceiras.

O braço do rio comprehendido entre a ilha e a terra firme (margem esquerda) tem uma largura media de 60 metros e uma profundidade de 2,^m14. Em Barra do Pirahy, a largura do rio Parahyba é mais ou menos de 200 metros e a sua corrente é de 1^m,20 a 1^m,50.

A agua desse rio é potavel, porque, com o seu leito de pedras, que de distancia em distancia aparecem á superficie, elle é um verdadeiro filtro, prendendo-se as materias organicas nessas pedras, materias organicas essas que se transformam em corpos inoffensivos pelo contacto com os elementos do ar atmospherico.

Informaram-me, e pude verificar em parte a veracidade dessa informação, que a agua do Parahyba, guardada por mais de um anno, é imputrescível durante esse periodo de tempo.

Quasi todos tomaram essa agua e convém registrar que foi durante o acampamento em Barra que o estado sanitario foi mais lisonjeiro.

O rio Tieté tem em S. Paulo pouco mais de 40 metros, sendo a sua corrente inferior á do seu affluente — o Pinheiro. A sua agua é suja e creio que não é potavel.

Se o rio Parahyba, pelo menos nos trechos que conheço, não fosse cheio de pedra, o que dificulta o ensino da navegação e não permite a completa utilisação do pontão com motor da equipagem franceza, eu seria fran-

camente partidário da séde da Companhia á margem desse rio. Um reconhecimento completo, em todo o seu curso, veria talvez descobrir um trecho sem o inconveniente acima apontado, servindo com vantagem para essa séde.

Convém no entanto registrar que entre Villa Militar e Barra do Pirahy, sob o ponto de vista da séde da Companhia, a diferença é da agua para o vinho, o quer dizer — mil vezes Barra á Villa.

O rio Tieté não me parece apropriado, porque a sua corrente é muito fraca, em certos trechos quasi como um lago, o que torna a agua perigosa para o pontoneiro, para quem não ha prescripção que o impeça de tomar-a.

Alem disso a corrente forte é preferivel para a instrucção do pontoneiro, visto como o aprendizado lhe permitte enfrentar depois todos os casos que se lhe apresentem. Dentro dos limites da resistencia do material, qualquer que seja a corrente a ponte de equipagem pode ser lançada, se os pontões podem

ser ancorados, o que se consegue até á corrente mais ou menos de 2^m,5.

A séde á margem do Tieté, pelo menos no trecho que conheço, não é aconselhavel, primeiro porque a agua pôde comprometter seriamente o estado sanitario da Companhia, como aconteceu nas ultimas manobras; segundo porque a sua corrente fraca não dá ao pontoneiro verdadeira ideia das dificuldades que elle terá que vencer em campanha.

Todas essas considerações nos levam a pesar seriamente o problema, para cuja solução todos se devem empenhar com urgencia. Convém não demorar a solução com a permanencia da Companhia na Villa Militar, onde a maior parte do tempo é perdida na procura do elemento primordial á vida do pontoneiro, ora com as idas bi-semanaes á Itacurussá, para o ensino da navegação e natação, e outras vezes com os acampamentos annuaes na Barra do Pirahy, que não podem dar os resultados completos, como se á Companhia tivesse a propria séde junto a um rio.

CAP. BENTES

O MARECHAL HERMES DA FONSECA

A Patria Brasileira sente o desapparecimento do marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, que morreu deixando ás gerações vindouras um exemplo de lealdade e honestidade.

Nasceu em S. Gabriel (Rio Grande do Sul) em 1852, filho do marechal Hermes da Fonseca, e sobrinho daquelle punhado de irmãos «Fonsecas», todos filhos de uma senhora que legou o mais sublime exemplo do patriotismo ás mães brasileiras.

Ha uns 30 annos passados, em companhia de seu primo, o capitão Clodoaldo da Fonseca, foi castigado em vista de ambos darem provas de grande amôr á Republica.

Na madrugada de 15 de Novembro de 1889, foi o então capitão Hermes quem da parte do marechal Deodoro, o encarregado de ir aos quartéis da 2^a Brígada (1^o e 9^o regimentos de cavallaria e 2^o de artilharia), avisar que o movimento que baquearia a Monarchia, teria logar naquella manhã, sendo o primeiro a receber esse recado o então alferes Joaquim Ignacio.

Durante alguns dias, como coronel, foi o commandante das forças em operações de guerra em Nictheroy, por occasião da revol-

ta da Armada. Em seguida commandou o 2^o Regimento de Artilharia de Campanha, tornando essa unidade um modelo de disciplina.

Como general de brigada, commandou alguns annos a Brigada Policial da Capital Federal — época essa de prosperidade para aquella corporação tão cheia de tradições. — Em seguida dirigiu a Escola Militar do Realengo, onde teve occasião de mostrar-se um militar fiel, obediente e leal para com o Poder legalmente constituido, durante os acontecimentos de 14 de Novembro de 1904.

Em 1905, foi commandante do então 4º Distrito Militar, e da Divisão em manobras no Curato de Santa Cruz, a qual teve por Chefe do Estado Maior o então tenente-coronel Gabriel Salgado dos Santos, um dos mais leaes amigos que teve o marechal Hermes. Durante o longo periodo dasquelas manobras, como chefe mostrou grande actividade e capacidade de trabalho.

Em 1906, já era marechal, quando assumiu a pasta da Guerra e foi devido á sua iniciativa, que tivemos em 1908, a Lei do Sorteio Militar.

Em 1909, por convite especial do Kaisér—Guilherme II, visitou o Imperio Alemão em companhia do general Luiz Mendes de Moraes, tambem couvidado por aquelle sabio e patriotico Imperador.

De 1910 a 1914, foi Presidente da Republica. No anno passado era o Presidente do Club Militar.

Amigo de sua classe — lembro-me ainda, pois testemunhei e posso dar disso provas, quando como praça de pret, fiz parte da Guarda do Palacio Guanabara, — ter visto como elle distingua e tratava carinhosamente os soldados da mesma, dando ao te-

nente ou aspirante commandante sempre um lugar na sua mesa durante as refeições naquelle Palacio.

Escrevo estas modestas linhas, em homenagem á memoria daquelle que foi um sincero amigo de meu pae (tambem já fallecido), bem como áquelle que muito amou e honrou ao Exercito Brasileiro e a sua Patria.

Acantonamento em Quitaúna, 13-9-1923.

AMILCAR SALGADO DOS SANTOS

1º Tte. do 4º B. C.

UMA EXPRESSÃO VERDADEIRA

(Ortografia: fonética)

E' comum, em rodas militares, ouvir-se dizer: «a arte da guerra»... Na Escola, quando estudamos a Historia Militar, lemos esta introdução nos polígrafos correspondentes: a guerra, sendo uma arte de caráter extritamente experimental... etc... mas nunca vimos provar esta assertão, enunciada como dogma de fé, aprendida talvez de Xenofonte quando taxou os Gregos de «artistas da guerra» pôr terem sido eles os verdadeiros criadores da arte militar. Mas em nossa carreira de estudante, candidato á oficial, só estudamos ciências; onde reside pois esta arte?... Demais, a guerra, sendo em suas bases um fenômeno de ordem humana, só a podemos scientificamente enquadrar, na sociologia, quer se trate de uma luta externa, aquela pela qual votamos simpatia, visto que nela se purifica o sangue e o caráter nacional, combalidos sempre pelas futilidades de uma paz prolongada, que parece adormecer a consciência nacional; quer se trate da guerra civil, aquela que repudiamos sempre, visto que representa para o Estado o estrangulamento de si mesmo, como para o individuo, que desprezando as leis da vida, se deixa exterminar covardemente, num suicídio tão lento quanto terrível, num estado de frizante passividade.

A guerra é pois em si, um fenômeno humano, que se tem realizado no tempo e no espaço e se realizará sempre, pôr toda eternidade... sendo a paz Universal a utopia que todos nós propalamos, em oposição aos sonhadores desta felicidade imaginária e falsa.

Sendo como é lógico, em suas bases, um fenômeno científico, de ordem social, postas de parte o embrião de suas causas determinantes, fugirá ela, em sua evolução, á uma arte?...

Em primeiro lugar examinemos a organização da «Defesa Nacional», a organização das forças de terra e mar (futuramente também das forças aéreas).

Associar homens, materiais e animais, é uma arte ou uma ciência? E' sobretudo na ciência, na sociologia que vamos buscar as leis que presidem esta organização. Mas é exatamente neste momento psicológico, de aplicação das leis científicas, que a arte absorve a ciência... surge então o gênio... Cumpre todavia notar que organizar um exército nos moldes de um outro, sem cunho individual de originalidade, não traduz mais do que uma macaquisse; assemelharmo-nos á franceses ou alemães, é pura macaquisse, é negarmo-nos a nós próprios, que somos um povo, uma nação capaz de se dirigir a si mesmo.

Ahi estão as leis naturais, imutáveis e eternas, em obediência às quais devemos proceder, sem auxílio da influência estrangeira... Sermos nós próprios...

Estabelecida pois esta trindade maravilhosa de forças com um traço verdadeiramente nacional, passemos a uzal-a.

O General em chefe, que estabelece os planos de uma campanha, amparado na Geografia e na Historia, no perfeito conhecimento da admirável organização que possue e dos seus recursos de ligação; e de

quem depende os destinos da nação, deixa ele neste momento de aplicação real, de sér o homem de ciencia que hontem o era, para se fazer artista quasi de improviso, pôrque na realidade neste momento a arte absorve a ciencia. Infeliz dele (e da nação) si não possuir dentro de si, a chama ardente do genio... pois só neste momento decisivo é que se reconhecem os verdadeiros talentos do soldado.

E, si descermos de escalão, encontramos sempre a mesma coisa: a arte absorvendo a ciencia.

... «A arte da guerra»... diz-se acertadamente todos os dias. Não ha quem possa vantajosamente contestar a frase de Xenofonte.

Passo de São Borja Outubro de 1923.

LUIZ BARBOSA LIMA
1.º Tenente

PALESTRAS TACTICAS

A SURPREZA

(Generalidades)

A Surpreza é um principio fundamental, immutavel, que constitue uma das condições essenciaes do successo na guerra; é o modo mais seguro de arrebatar ao adversario sua liberdade de accão.

Diz o R. G. U.: Revela-se ao inimigo sob a forma de um perigo que elle não pôde anteparar de maneira completa e em tempo opportuno; exige rapidez nos movimentos e *segredo* nas operaçoes.

Eila claramente definida e desdobrada em seus factores principaes.

O regulamento francez accrescenta mais: é alcançada pelo *segredo* nos preparativos, rapidez na execução e potencia dos meios de accão revelados instantaneamente. Pôde ainda ser obtida pelo emprego de petrechos ou processos de combate até então desconhecidos.

Temos, pois, a surpreza caracterizada: 1.º — pelo *segredo*, que é a sua propria essencia; 2.º — pela rapidez da execução, que permite um aproveitamento do effeito moral obtido.

O povo diz sabiamente: *o segredo é a alma do negocio* e tambem: *um homem prevenido vale por dez*. E' na guerra que esses ditados tem a maxima applicação.

O *segredo* é procurado no espaço e no tempo. No espaço conservando o adversario na ignorancia das operaçoes projectadas tendo por sim a manobra a realizar, até o momento do ataque. Isso é conseguido conservando o maior sigilo:

a) em torno do projecto do chefe, cujas intenções não devem ser percebidas através das ordens escriptas dirigidas aos varios es-

calões, as quaes conterão somente indicações sobre a missão do escalão superior, sem deixar entrever qualquer idéa sobre o conjunto e alcance da operação projectada, exigindo um cuidado especial em sua transmissão e recepção, porque podem cahir nas mãos do inimigo;

b) nas conversações entre officiaes que estejam ao par das operaçoes, para quem o *segredo* será uma questão de honra;

c) nos movimentos das tropas, procurando fazel-os á noite;

d) no destino dessas tropas;

e) na collocação das reservas, que deixam perceber as intenções do chefe.

Graves consequencias podem advir da falta de discreção nas correspondencias particulares escriptas e nas conversações pelo telephone.

No tempo, deixando pairar a incerteza, até o momento de empenhar o combate, sobre a hora H, mesmo que o inimigo já tenha percebido a manobra,

Diz o regulamento francez: «As medidas para conseguir o *segredo* devem ser applicadas sem a minima tolerancia; a falta de execução de uma só dellas pôde ser suficiente para esclarecer o inimigo e comprometer o successo.»

As disposições relativas á polícia das estradas e estacionamentos e as precauções a tomar para subtrair os movimentos a qualquer investigação, os trabalhos de fortificação, os reconhecimentos, serão objecto dum fiscalisação incessante da parte dos chefes.

A tropa deve estar plenamente convencida da importancia da *disciplina do segredo*, e

tambem conhecer os processos de espionagem uzados pelo inimigo, e as astacias por elle empregadas para colher informações dos prisioneiros.

O segundo factor da surpreza — *a rapidez* intervem quando o inimigo, ao perceber a aggressão, faz o possivel para oppôr uma resistencia proporcional. Seu fim é conservar a prioridade do segredo, e alcançar o objectivo visado antes que o inimigo tenha podido restabelecer o equilibrio perdido, ficando em condições de reagir. Apanhado em flagrante, elle não terá o tempo sufficiente para coordenar seus meios, si a rapidez intervier opportunamente, impedindo-o de voltar a si e organizar o contra ataque no espaço e tempo precisos.

Por outro lado, a importancia que resulta da destruição da cohesão anterior e particularmente das ligações assegura, pelo emprego do factor rapidez, uma exploração tão completa quanto possivel dessa situação desfavoravel para o adversario que, entretanto, pôde ser momentanea.

E' preciso aproveitar o momento fugaz em que as funcções cerebraes do adversario fazem como que uma parada, para *agir rapidamente*, apezar de tudo, aconteça o que acontecer.

A desordem produzida pela surpreza affeta especialmente ás tropas e aos commandantes directamente attingidos por ella; nos escalões superiores, os chefes conservam reservas para manter sua vontade, e seu emprego, nessa occasiões, constitue um perigo latente para o assaltante.

Assim sendo, quanto mais rapida fôr a operação executada por surpreza, tanto menos esses chefes terão a possibilidade de empregar suas reservas em tempo opportuno, e em vez de superpôr a força dellas a uma resistencia ainda em plena actividade, ficarão reduzidos a suppril-a.

A realisação da surpreza exige uma actividade constante, uma vigilancia activa uma inquietação tenaz, espionando os menores movimentos do adversario, para tirar partido de suas negligencias e faltas, sem a menor perda de tempo.

Esta accão continua permite que possamos impor nossa vontade e evita que sofframos as consequencias da adversaria.

A surpreza sendo um agente de desmoralização tão poderoso, o chefe deve empregala sempre que as circumstancias o permittem, porque traz á tropa que a realisa uma superioridade moral incontestavel ante

a qual a superioridade numerica perde su importancia.

Surprehender o inimigo é, pois, um principio geral; elle tem um corollario: *não se deixar jámais surprehender*.

A tropa surprehendida é pelo menos uma tropa desmoralizada.

Nas surpresas realizadas pela infantaria, o fogo e o movimento, factores da acção desta arma, attingem um valor maximo. Quer se trate de um golpe de mão, quer de um ataque mais importante, a surpreza deve-se extender a todos os elementos que tenham meios de se oppor á realisação dos projectos do adversario.

No combate defensivo, surprehende-se o atacante conservando-o na ignorancia da verdadeira locação da linha de resistencia, e do systema de fogos que está preparado contra elle; em segundo lugar, da partida dos contra ataques.

Na offensiva, não lhe revelando o lugar onde vae ser feito o esforço principal; occultando a posição das reservas, o escalonamento das forças e a posição das baterias.

A preparação da artilharia, quando rapida e violenta, visa os effeitos de surpreza; assim tambem, a entrada em accão dos carros de assalto, approximados á noite até á base de partida e lançados opportunamente ao ataque.

Os elementos para que seja realizada a surpreza são:

a) o conhecimento tão completo quanto possivel dos meios de defesa do inimigo, em toda a profundidade do terreno atacado;

b) o segredo dos preparativos de toda natureza;

c) a instantaneidade na partida do ataque;

a) a successão rapida das diversas accões previstas;

e) uma potencia de fogos sufficiente para assegurar essa rapidez, apezar dos obstaculos successivamente encontrados.

Terminaremos transcrevendo as celebres linhas contidas na ordem do dia de Blücher, de 8 de Abril de 1813 :

.....
« — Pode-se ser batido, mas nunca surprehendido.

» — A surpreza é sempre devida á falta de vigilancia, e o official que se deixa surprehender dá prova que a honra de nossas armas e a sua propria tem para elle um valor nullo, e que coloca suas commodidades acima da vida e da liberdade de seus subordinados. »

Notas sobre a instrução dos Quadros no Serviço de Campanha

(Da Escola de Cavalaria da França)

(CONTINUAÇÃO)

SEGURANÇA EM ESTAÇÃO

XVI — ORGÂNISACÃO DE UM SECTOR DE P. A. AFFECTO A UM PELOTÃO

Um pelotão poderá receber uma missão deste género, por exemplo: quando varias estradas convergem na entrada de um acantonamento e que por conseguinte o mesmo esquadrão assegure o serviço de um sector, fazendo a vigilância das direcções perigosas por vedetas ou patrulhas a curta distancia.

O reconhecimento deve ter por base estas considerações: — por onde pode vir o inimigo? (importância dos caminhos); — organização económica, o mais possível, da observação, collocando os postos sobre as estradas principaes (ou de modo a vel-as), fazendo vigiar as outras por patrulhas.

A questão de resistencia fica em segundo plano; quasi sempre possível á noite, não terá oportunidade durante o dia, salvo em terrenos especiaes e com a condição de nenhum modo sacrificar a observação.

As disposições definitivas se traduzirão sob a forma de ordens dadas a cada um dos postos collocados, fixando o efectivo de cada um d'elles, os limites dos seus sectores, as direcções a vigiar, as ligações a estabelecerem, a senha e contra-senha, a conducta em caso de ataque.

Um serviço de segurança approximada não vale senão pela sua organização no sentido da profundidade e da frente: sómente ordens muito nitidas lhe darão essa qualidate.

De noite, ha necessidade de modificar as disposições:

1.º — fazendo permanecer sobre as estradas os postos collocados de dia sobre os pontos de observação exteriores;

2.º — para garantir á tropa, em caso de ataque, o maior tempo, de que ella necessita, para se preparar.

Este tempo pode-se obter: quer pela observação, quer pela resistencia; se o terreno prestar-se a uma seria resistencia dos postos, poder-se-á, sem inconveniente, approximalos da tropa a cobrir, no caso contrario,

não se poderá contar senão com a observação, portanto, é logico affastal-os.

O reconhecimento de oficial é apenas indicado aqui para memoria, pois a instrução pratica sobre o S. C. trata deste assunto de um modo completo, não havendo necessidade de repetil-o.

XVII — PELOTÃO COMO DESTACAMENTO DE DESCOBERTA

O destacamento de descoberta encarregado de uma missão especial de curta duração, (tal como a busca rapida de uma informação sobre um ponto preciso, ocupação de uma localidade etc.) operará de maneira muito diferente, conforme o fim a attingir, sendo impossivel neste caso fixar regras.

O destacamento apoio de reconhecimento poderá ter necessidade de abrir uma passagem, manter um desfiladeiro para garantir o transito e recebimento de uma informação de combate offensivo ou defensivo, nada offerecendo que o caracterise sob o ponto de vista especial do destacamento de descoberta.

Porém, nos terrenos cortados e diffíceis, nas regiões infestadas por patrulhas adversas, a procura do inimigo pode ser feita por destacamentos; além disso, o destacamento apoio de reconhecimento pode receber tambem a missão de vasculhar a zona atravessada pelos reconhecimentos em cujo rasto marcha.

E' esta missão, caracteristica do destacamento de descoberta, que será o objecto deste estudo.

A ordem indicará ao chefe do pelotão o terreno a bater, seja sob a forma de uma zona limitada lateralmente, seja por um itinerario central largamente indicado por alguns pontos importantes; *elle tem a liberdade de escolher o itinerario;* e ha vantagem em fazel-o desenfiado, passando ao alcance das estradas principaes, sem as seguir, dos centros importantes, sem os atravessar, pelas razões expostas quando tratamos das patrulhas de reconhecimento.

O pelotão de descoberta em acção, apresenta uma mistura de astúcia e de força e empresta da patrulha muito dos seus processos.

As disposições de segurança são reduzidas ao minimum: uma ponta muito leveira, cavalleiros de fileira encarregados de vigiar os flancos e a retaguarda, estafetas, d'ante-mão designados, tomam nota dos pontos de referencia, de maneira a estarem promptos a partir desde que haja informações a conduzir.

O destacamento marcha por *lances sucessivos, grupado para marchar e disperso para reconhecer*; em cada um dos lances o chefe do pelotão faz parar sua tropa desenfiada e chama os diferentes graduados que quer enviar em patrulha, mostra a cada um d'elles, sobre o terreno, os pontos a reconhecer; estas patrulhas só são enviadas a pequenas distancias (2 kilometros mais ou menos) e devem informar e voltar ao ponto de onde partiram; e o chefe do pelotão não emprehende um novo lance sem que elles estejam reunidas ou a elle ligadas pela vista.

As razões que militam a favor desta maneira de proceder são as seguintes: é o chefe do pelotão quem faz o reconhecimento, isto é, acompanha muito perto as suas patrulhas para apoial-as ou completar as suas informações, elle mesmo vendo

E' preciso dar ordens simples e missões de curta duração aos chefes das patrulhas quando não se utilizar de cartas.

Uma tropa de efectivo tão fraco, como é o pelotão, está sujeita a muitas aventuras na zona de descoberta, e muito instável na sua direcção, arrisca-se a perder o seu pessoal e de tornar impossivel a tarefa dos estafetas, se operar de modo diverso.

Para o *estacionamento*, o chefe do pelotão toma medidas analogas ás que o regulamento prescreve para os reconhecimentos de officiaes: escolhe um ponto isolado, colloca os habitantes na impossibilidade de prejudicá-lo, em silencio, e não hesita de mudar de pouso quando desconfiar de alguma cousa.

Para a alimentação ha todo o interesse em procurar os viveres e forragens necessarias, em um lugar onde não tenha intenção de passar a noite.

Estudaremos as situações seguintes:

— O destacamento é surprehendido pelo encontro inopinado de um outro inimigo: qualquer que seja a força deste, sustentar com audacia a ameaça vindia de um só lado,

atacando de espada em punho; é preciso não lhe dar tempo de voltar, destruindo esse primeiro elemento, que se não estiver isolado, irá lançar a desordem no resto da tropa.

— Si se é atacado por varios lados, ao mesmo tempo, carregar em um só ponto, ou melhor, dispersar o pelotão em pequenos grupos, os quaes se reunirão em um ponto bem visivel e indicado sobre o itinerario já percorrido (processo empregado na patrulha).

— Uma das patrulhas enviadas percebe a presença do inimigo em um povoado: — aproveitar de que não se tenha sido visto para permanecer desenfiado, devendo o chefe do pelotão ir ver pessoalmente a situação, o que pode ser feito rapidamente, porque, as suas patrulhas operam a pequena distancia.

— Si verificar estar em contacto com uma tropa muito importante, multiplica as patrulhas, que serão por elle orientadas de modo a poder ser informado sobre a direcção e força do adversario.

Uma vez isto feito é necessário guardar o contacto o que será feito por um reconhecimento de sargento (ou mesmo de official)-destacado pelo pelotão, o qual poderá, se a caça valer a pena, terminar ahi sua missão, contentando-se em servir de acolhimento ao reconhecimento assim destacado e garantir a passagem de suas informações.

— As patrulhas destacadas se chocam, sobre um curso de agua, com grupos inimigos que lhes interdictam a passagem: reunir os seus cavalleiros, escolher rapidamente um ponto de ataque, de preferencia um flanco e fazer um ataque brusco sobre esse ponto; desde que a passagem esteja livre ahi installar o pelotão e lançar de novo os seus reconhecimentos; não ha tempo a perder, estes grupos inimigos faziam a segurança de uma tropa que vem apoial-os, e uma vez a passagem conquistada, é preciso aproveitar d'essa oportunidade para vêr, porque talvez seja obrigado a abandonal-a alguns minutos depois.

Continua

ERRATA

No nosso ultimo numero escaparam alguns erros ao nosso revisor, que o leitor facilmente corrigirá; d'entre elles: pag. 819, 1.^a columna, linhas 13 e 27, em vez de *entrada* leia-se — *estrada*; na mesma pag. 2.^a columna, linha 16, em vez de *apeiar* leia-se — *operar*.

A corneta que falla

1866

Antonio de Senna Madureira, soldado brioso de sentimentos elevados, patriota ardente, seguiu para Campanha do Paraguai muito moço, como cadete, deixando os bancos da Escola Militar.

Official por actos de bravura, do estado maior de uma das brigadas, aproveitara a folga, que lhe restava de seus deveres de assistente, para gosar da companhia de seus camaradas, que se achavam nas fileiras dos combatentes expostos ás balas inimigas das trincheiras, afrontando desse modo a morte, em rasgos de verdadeira temeridade. A celebre e mortifera Linha Negra, nas avançadas de Tuyuty, picada aberta na matta de Potrero Pires, defronte das posições paraguayas de Sauce, como em seu livro sobre a Historia da Guerra, descreve outro heroe, o general Dyonisio Cerqueira, assim chamada pela certeza que todos que ali chegavam para guarnece-la, tinham de ver de perto desenhada a figura da morte, era entretanto visitada por *Senna Madureira*. Batalhões e batalhões, rendiam-se diariamente, voltando ao acampamento disimados.

O brioso general Tiburcio, ali major comandando o 16º de infantaria, poz mais de uma vez á prova a sua distinta bravura e o coronel Fernando Machado, o heróe á frente de sua brigada, comandando toda a linha de ataque, deu tempo a que se fizesse o trabalho que permitiu bater o inimigo de surpresa pelo flanco da posição, destruindo por completo a linha de morte, que tantas vidas arrebatára.

Senna Madureira, em uma das suas visitas, quiz fazer espirito e ridicularizar os pa-

raguayos, que a tiro de carabina, se faziam ouvir com chacotas, cantigas ignobres e zombárias despresiveis.

Trepando na trincheira, subiu ao para-peito e ali, feito alvo, temerario, afrontando o expectro que todos temiam e respeitavam, empunhou uma corneta e levando-lhe o bucal aos labios, á semelhança de porta-vóz, fallou: *Olá paraguayos! ouçam como berra a mulher de Lopes*. Não pôde continuar, porque uma bala na pala do bonet, no meio da testa, atirou no terra-plano da trincheira como morto. Todos aterrados correram para elle, que, aturdido pela queda, momentos depois, milagrosamente, sorria, dizendo: *Não foi ainda desta vez*.

Voltando ao Brasil, *Senna Madureira*, completou seus estudos na Escola Militar e já tenente-coronel, desempenhou commissões de destaque e teve papel saliente e patriótico na celebre Questão Militar no ministerio Cotelipe, quando ministro da guerra o conselheiro Alfredo Chaves, que entendeu offendere as classes armadas.

Nessa occasião, surgiu, irrompeu gloriosa a accão influente e prestigiosa do inesquecível Marechal Visconde de Pelotas, senador pelo Rio Grande do Sul, na memorável sessão do Senado, na qual interpellou o presidente do Conselho, prophetisando, com uma admirável clarividencia, os prodromos da revolução, que trouxe como consequencia, a queda do regimen monarchico e a proclamação da Republica.

Do livro inédito do

Marechal CARLOS DE CAMPOS.

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CONTINUAÇÃO)

A chegada do Duque de Caxias

O marechal duque de Caxias, logo que chegou a Tuyuty e assumiu o commando geral das tropas brasileiras, iniciou uma série de providencias tendentes a collocar as melhores condições possíveis para o prosseguimento das operações militares, tra-

tando tambem de reconhecer pessoalmente as condições do adversario.

A simples noticia da chegada do duque de Caxias deu margem a que o general Osorio, seu amigo sincero, se apresentasse de novo para o serviço, sendo imediatamente encarregado de organizar mais um corpo de exercito no Rio Grande do Sul.

O duque de Caxias desenvolveu, desde sua chegada, uma excepcional actividade, a tudo attendendo e tudo prevendo com aquella capacidade que lhe era peculiar.

A organisação dos batalhões de Voluntários da Pátria, que o governo havia mandado sustar anteriormente, entrou novamente em actividade e o duque de Caxias ordenou a preparação diária e intensa dos contingentes que começaram a chegar.

Observando o movimento, o adversário prosseguia seu bombardeio quasi que ininterrupto, alvejando especialmente os officiaes, o que deu causa a que fosse ordenada a suppressão dos distintivos dos uniformes, e os grossos canhões das trincheiras aliadas de Curuzú e Tuyuty respondiam ao canhoneio do inimigo.

O almirante Tamandaré e o general Porto Alegre, licenciados, haviam sido substituídos respectivamente pelo chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, posteriormente visconde de Inhaúma, e pelo general Argollo.

O duque ordenou ainda a activa vigilia, pela esquadra, do rio Paraná, de modo que se impossibilitassem os fornecimentos que dos seus partidários de Corrientes recebia o marechal Lopez.

E nessas condições terminou o anno de 1866.

2.º ATAQUE DE CURUPAITY

A 8 de janeiro de 1867, o novo comandante da esquadra ordenou outro ataque a Curupaitý.

Os couraçados Bahia, Tamandaré, Barroso e Colombo, sob o commando do capitão de fragata Joaquim Rodrigues da Costa, avançaram para perto de Curupaitý, iniciando o bombardeio, auxiliados pelas baterias de Curuzú e pela bombardeira Pedro Affonso e 2 chatas.

O batalhão Garibaldino, em atiradores, do lado do Chaco, fuzilava tambem o adversário, e as canhoneiras Araguaya, Iguatemy, bombardeira Forte de Coimbra, chata Mercedes e lancha João das Botas, sob o commando do capitão-tenente Mamede Simões, após penetrarem na lagôa Pires, auxiliaram igualmente a acção, o que tambem fazia a bateria do Potreiro, em Tuyuty.

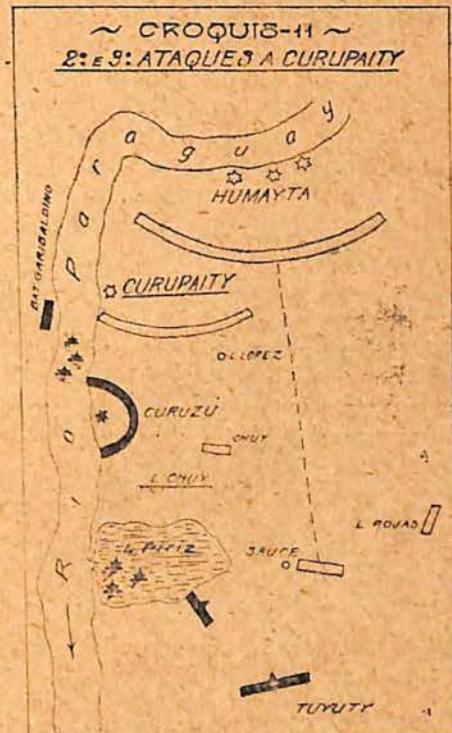
Esse novo ataque a Curupaitý causou sérios danos aos paraguayos, sendo arrazadas as fortificações do lado da lagôa Pires e ateado ahí o incendio, bem como em Curupaitý.

O general paraguayo Diaz, foi a 26 attingido por uma granada brasileira, quando pescava em uma canôa com alguns officiaes, nas proximidades de Curupaitý, vindo a falecer do ferimento recebido.

3.º ATAQUE DE CURUPAITY

O 3.º ataque foi realizado, por ordem do duque de Caxias, a 2 de fevereiro de 1867.

Para isso, approximaram-se de Curupaitý os navios Colombo, Bahia, Mariz e Barros, Tamandaré, Parnahyba, Silvado, Herval, Barroso, Cabral e Beberibe, todos sob o commando do chefe Joaquim Ignacio, iniciando o bombardeio auxiliados pelas baterias de Curuzú.



Pela lagôa Pires, a Iguatemy, Araguaya, Paulo Affonso, Lyndoia, João das Botas e uma chata auxiliaram a acção, enquanto o 1.º corpo, em Tuyuty, simulava um ataque ás trincheiras que lhe ficavam em frente.

O duello de artilharia durou longo tempo, os paraguayos apenas responderam ao fogo dos navios.

Soffreram elles grandes perdas nessa acção e os brasileiros perderam ahí o bravo commandante Victal de Oliveira, sem um resultado compensador para nenhum dos adversarios.

No dia 7, porém, ás 2 horas da madrugada, os paraguayos despejaram repentinamente no acampamento dos aliados o fogo de mais de 50 canhões, travando-se o combate e a esquadra sahindo em auxilio imediato.

Cerrada a lucta, sem resultado ainda, só a 1 de março reproduziu-se mais uma vez o bombardeio.

Nesse dia chegou a Curuzú o general Porto Alegre, reassumindo o commando do 2.^º corpo e já achando terminada a construção da celebre *linha negra*, fortificação que cobria as avançadas aliadas, tendo a esquerda apoiada na lagôa Pires e fazendo frente ás trincheiras inimigas do Sauce.

Nessa *linha negra* o tiroteio era diário.

Os paraguayos aumentavam cada vez mais os seus elementos de resistencia, Defenderam solidamente o flanco voltado para Tuyu-Cué e São Solano, ligaram Sauce a Humaitá por uma trincheira, construiram novas trincheiras em Chichi, e Chuhy, flanqueando os aliados em Curuzú.

Terivel epidemia surgida no acampamento aliado, ceifando quasi 4.000 homens, demorou as operações, obrigando o duque de Caxias a retirar as tropas de Curuzú para Tuyuty, tendo de sustentar, como de costume, terríveis bombardeios com o adversario, e nessa occasião o general Mitre se recolhéra a Buenos-Ayres, por motivos de ordem politica do seu paiz.

CONSIDERAÇÕES

O 2.^º e o 3.^º ataques contra os paraguayos, solidamente fortificados em Curupaiti, nenhum valor tiveram como operação de importancia real.

Apenas se justificaram como operações secundarias, si bem que fossem destruidas varias fortificações do adversario, que se viu na contingencia de conservar-se em sobre-salto.

E' certo, porém, que o duque de Caxias, no momento, não poderia encetar uma operação séria, pois que encontrárá as tropas fatigadas e carecendo de tudo.

O bravo marechal comprehendia que era preciso avançar, mas tambem sabia que esse avanço não poderia ser util desde que as tropas não o pudessem encetar decisivamente e em condições de não mais darem treguas ao terrivel adversario.

Dahi o seu assentimento a essas pequenas operações, de resultados pouco compensa-

dores, na verdade, mas que tambem se impunham pela actividade constante do trefego inimigo.

Quanto aos paraguayos, estavam elles no seu elemento favorito, que eram as escaramuças e surpresas, genero de acção que aliás lhes era propicio.

Conhecedores perfeitos do terreno e de uma astucia admiravel, contavam elles com esses dois factores para cançarem os aliados pois desde muito o marechal Lopez havia comprehendido que a guerrilha, genero de acção naturalmente indicado pela natureza accidentada do terreno, era o seu melhor recurso para prolongar a campanha.

Marcha contra Humaitá

A 22 de julho de 1867, o marechal Caxias ordenou o avanço do exercito, apezar do frio intenso e das pessimas condições em que se achavam os caminhos.

Resolvéra elle atacar a esquerda paraguaya, se fosse possivel, e, no caso contrario, sitiaria Humaytá, após apossear-se das obras exteriores do terrivel quadrilatero que o adversario havia fortificado poderosamente, como já dissemos.

O exercito transpoz o Estero-Bellaco, avançou para o *passo* Pires e dahi se encaimhou para o *passo* do Tio Domingos.

Depois de penosa marcha, as avançadas do exercito avistaram o povoado de Tuyu-Cué, que desde logo comprehenderam estar guarnecidos.

Os paraguayos, por sua vez, avistando os aliados, destruiram o povoado pelo incendio e retiraram-se, pouco depois os aliados acampando sobre as ruinas encontradas e de onde se descortinava perfeitamente a famosa Humaitá.

Conseguiu assim o marechal Caxias realizar a marcha de flanco que desde muito se impunha e que só então fôra executada, graças á sábia orientação impressa ás operações militares pelo novo chefe.

De Tuyu-Cué foi destacado um contingente em exploração até São Solano, onde o inimigo já não foi encontrado.

O sagaz dictador paraguayo, como sempre, quiz demonstrar que não dormia, e no dia 30 fez avançar de Humaytá um destacamento, com alguma artilharia, para atacar as avançadas dos aliados, mas o marechal Caxias, que havia observado o movimento, ordenou por sua vez que o general Osorio

mandasse embargar os passos daquelle destacamento.

O destacamento, porém, ao cahir da noite, recolheu-se a Humaytá, deixando em acção apenas um regimento de cavallaria com 3 estativas de foguetes a congrèe, de modo que o corpo de cavallaria brasileiro designado pelo general Osorio em virtude da ordem do marechal Caxias destroçou completamente a pequena força paraguaya.

Por essa occasião chegou o general Bartholomeu Mitre, que a 1 de agosto reassumi o commando em chefe das tropas, facto que causou sério descontentamento, pois que todos comprehenderam desde logo que iriam ser renovados os palliativos que tão nefastos já tinham sido ás operaçōes militares dos aliados.

Muitos officiaes superiores quizeram abandonar os seus commandos por essa occasião, mas, afinal, resignaram-se mais uma vez ainda.

O marechal Caxias, porém, preocupando-se, como devia, com sua base de operaçōes em Tuyuty, tratou de ver a melhor linha de communicações existente e tal linha era a que passava pelo *estero* de Tuyuty, sendo necessário construir uma ponte sobre o *estero*.

O marechal ordenou a construcção dessa obra e a linha de communicações desde então ficou reduzida a 24 kilometros de extensão.

Continuando sempre o serviço de exploração, soube o marechal Caxias que um destacamento paraguayo se achava em São Solano com muito gado.

Resolvendo bater esse destacamento, ordenou elle que um destacamento de 2.600 cavalleiros brasileiros e 400 argentinos, sob as ordens do general oriental Henrique Castro, marchasse contra o adversario na tarde de 2 de agosto e o atacasse.

Cumprindo sua missão, o general Castro derrotou completamente o destacamento inimigo, cujo grosso (1.700 homens) se achava em Pare-Cué e foi arrojado no rio Hondo, inteiramente destroçado, pelo 11.^º de cavallaria da Guarda Nacional.

Fugindo o adversario, depois disso, para Pilar, coube a 3 corpos do intrepido Andrade Neves, posteriormente barão do Triunpho, persegui-lo até o logar denominado Chuchú, a 13 kilometros de Pilar, onde o derrotou completamente.

Em sua marcha, o destacamento ainda destruiu grande parte da linha telegraphica Humaytá-Assumpção.

Tiveram os paraguayos 200 mortos, varios feridos e prisioneiros e perderam 600 rezes e muito material bellico.

Ataque a um comboio brasileiro — A 11 de agosto, outra acção importante realizou-se ainda e desta vez do lado de Tuyuty, onde guarnecia a base de operaçōes, á frente de 8.000 homens, o general Porto Alegre.

Naquelle dia, os paraguayos atacaram o comboio de viveres, composto de 52 carretas e alguns cargueiros, que marchava de Tuyuty para Tuyu-Cué.

Tendo tido noticias prévias da marcha do comboio, os paraguayos mandaram um destacamento de 1.600 infantes e 400 cavallarianos emboscar-se nas mattas existente ao longo da estrada.

O comboio marchava escoltado apenas por 60 praças de cavallaria, divididas em 2 pelotões, indo um na vanguarda e outro á retaguarda da columna.

Atacada de surpresa, não pôde a escolta resistir a tão grande efectivo de assaltantes, calhindo o comboio em poder do inimigo.

Entretanto, scientificado do facto, o general Porto Alegre ordenou que a todo galope seguisse um esquadrão correntino, que se achava na occasião mais proximo, com o objectivo de atacar violentamente o adversario de frente, enquanto ordenou tambem que, egualmente a toda brida, o 12.^º corpo de cavallaria, apoiado por 2 batalhões de infantaria, seguisse por um caminho que se dirigia para o flanco do adversario.

Realisada com extrema pericia e não menos denodo a operaçōe ordenada, foi o comboio retomado das mãos do inimigo, que foi violentamente rechassado até quasi aos muros de suas trincheiras.

Tiveram os paraguayos 200 baixas e os aliados apenas 13.

CONSIDERAÇÕES

Com a entrada do marechal Caxias para o alto commando das tropas aliadas começaram estas a agir, como vimos, tendo sempre uma idéa de manobra, o que desde logo encheu de fundadas esperanças os officiaes e soldados, já exhaustos na contemplação de uma inactividade estopante ou na execução de operaçōes sem arte.

A marcha contra Humaytá foi disso uma

prova eloquente, mas, infelizmente, não pôde o grande cabo de guerra exercer por longo tempo a sua acção benefica, pois não tardou que lhe escapasse das mãos o alto commando.

Quanto ao ataque ao comboio, demonstrou elle o quanto naquelle tempo a questão de segurança era descurada, nem sequer se a substituindo por um activo serviço de exploração, a despeito de saber-se o quanto os paraguayos eram affeitos ás operações de pequena guerra e o quanto a ellas se prestava a natureza caprichosamente accidentada do terreno.

Do lado paraguayo, se é certo que a operação foi intelligentemente concebida, é tambem certo que sua execução esteve abaixo da critica, pois que só muita impericia teria levado os paraguayos á perda de tão bôa presa.

Verdade é que o general Porto Alegre ordenára uma operação com arte, uma acção combinada, habilmente realizada tambem, e os paraguayos foram, de certo, surprehendidos com isso, tão acostumados já deviam estar com os ataques simplesmente frontaes dos alliados.

Passagem de Curupaity

Em principios de agosto os generaes reuniram-se para discutirem o prosseguimento das operações.

O marechal Caxias foi de opinião que se deveria atacar as fortificações paraguayas quanto antes, visto como o dictador Lopez diariamente se reforçava e provia de novos elementos de resistencia.

Entretanto, essa opinião foi recusada, preponderando a idéa do assedio á praça, sendo que o general Mitre entendia ser necessário a esquadra forçar de uma assentada as duas passagens — a de Curupaity e a de Humaytá — para apertar o sitio.

Com essa opinião do general Mitre não concordou o chefe da esquadra, que, entretanto, se dispôz a executar a operação desde que o marechal Caxias ordenasse.

O marechal Caxias ordenou, então, o forçamento apenas de Curupaity, declarando reservadamente ao chefe Joaquim José Ignacio que deixava ao seu criterio o forçamento immediato de Humaytá.

Os paraguayos, nessa época, haviam reforçado com 50 canhões as baterias de Curu-

paity do lado do rio, mas a 15 de agosto, ás 6 horas da manhã, armando o seu pavilhão no *Brasil*, o chefe da esquadra ordenou o avanço dos navios do ancoradouro de Curuzú rumo de Curupaity.

Zarpou na vanguarda o *Brasil*, levando atracado a bombordo o *Lindoya*, seguindo-se-lhe na esteira o *Mariz e Barros*, *Tamandaré*, *Colombo*, *Bahia*, *Cabral*, *Barroso*, *Herval*, *Silvado* e *Lima Barros*.

Os navios de madeira avançaram para a curva do rio, junto a Curupaity, de onde romperam o bombardeio.

Havia dois canaes, um dos quaes cheio de torpedos, mas a esquadra teve a felicidade de passar exactamente pelo outro, embora mais batido pelo fogo do adversario, por ser mais proximo.

A divisão recebêra ordem de forçar a passagem sem dar nem um tiro e o fez com excepcional pericia e com pequenas perdas, não obstante o terrivel canhoneio que teve de supportar e que por vezes poz em sério perigo alguns navios.

Forçada a passagem de Curupaity, ficou a esquadra de ferro, após 2 longas horas de terríveis perigos, a 1 1/2 milha da lendaria Humaytá, em posição abrigada e de onde desde logo iniciou o bombardeio systematico da poderosa fortificação, enquanto a esquadra de madeira, em Curuzú, proseguia o bombardeio diario de Curupaity.

Como operação prévia, havia sido preparado um caminho pela margem do Chaco, para que se fizessem as communicações da esquadra, após o forçamento do passo de Curupaity.

O ponto terminal deste caminho recebeu o nome de ponto *Elisiario*, em homenagem ao chefe de divisão Elisiario dos Santos, que o projectou e construiu.

CONSIDERAÇÕES

O forçamento da passagem de Curupaity pela esquadra brasileira era uma operação que se impunha, pois que não era razoavel continuarem os alliados detidos por essa posição fortificada.

Entretanto, não deveria ter sido realizada nas condições em que o foi, pois poderia ter redundado em um lamentavel desastre, cabendo ao marechal Caxias uma grande parte da responsabilidade, já que ele não se oppoz

terminantemente, como devia, á sua realisação nas referidas condições.

Impunha-se era a acção conjuncta e simultanea da esquadra e das forças de terra, visto como, nesse caso, os paraguayos seriam forçados á divisão de suas tropas para attenderem aos ataques simultaneos, e semelhante divisão importaria no seu enfraquecimento em varios pontos.

Forçando a passagem nas condições em que o fez, a esquadra attrahio sobre si todas as forças adversarias e só por acaso conseguiu ser bem sucedida.

O commando em chefe, ordenando essa operação, de certo não medio as consequencias que poderiam advir da perda possivel de uma esquadra tão necessaria ás operaçoes como essa que elle atirou a uma verdadeira aventura injustificavel.

No entanto, um simples movimento contornante pela esquerda paraguaya, movimento aliás possivel, teria forçado o adversario a abandonar a posição, visto como ficaria elle desde logo com as suas linhas de comunicação ameaçadas.

Ainda desta vez, os alliedos quizeram vencer pela força bruta, despresando os ensinamentos da arte militar, que já nesse tempo preconisava o envolvimento e a ameaça ás linhas de cōmunicacão como operaçoes de resultados quasi que por si sós decisivos.

Quanto ao dictador Solano Lopez, que tantas vezes dissera judicialmente que "separados de seus bosques os alliedos estariam perdidos", parece que elle proprio não tinha consciencia do que disséra, pois que não se aproveitava dos êrrros frequentes dos alliedos para realizar semelhante operação, obstinando-se em agir na barranca dos rios.

Proseguindo em sua guerra de entrincheiramentos, conseguiu elle apenas retardar sua derrota, com sacrificio, aliás bem grande, de suas tropas.

Elle deveria melhor comprehender que as praças fortes são apenas magnificos pontos de apoio, mas nunca preoccupação maxima de um exercito que deseja vencer.

Continúa

Cap. NILO VAL

FACTOS & NOTAS

O CAVALLO VAPOR E O HORSE-POWER

O decreto de 26 de Julho de 1919, relativo ás unidades secundarias de medida, establece o *kilowatt* como medida legal de potencia e admite, a titulo provisorio, o uso do *cavalllo vapor*, potencia correspondente a 75 kilogrametros por segundo ou seja 0.kw735.

Como se sabe, é corrente representar o cavalllo vapor pela abreviatura H. P., a qual derivada da expressão *horse-power*, representa na realidade a unidade de potencia inglesa, isto é, 76 kgm. em logar de 75.

Com o fim de evitar confusões a Direcção de Aeronautica determinou (Boletim Official do Ministerio da Guerra de 26 de Fevereiro de 1923) que, com relação aos motores da aviação, as iniciaes H. P. não fossem mais empregadas, usando-se em seu logar as iniciaes C. V. (cavalllo vapor). Por sua vez a camara syndical da industria de motores a gaz, petroleo e de gazoneos decidiu generalizar o emprego da abreviatura C. V.

(*Da Revue d'Artillerie—França.*)

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

A propósito da 1.ª Batalha de Tuyuty.— Interessante opusculo em que o illustrado general Dr. José Maria Moreira Guimarães, divulga a notável conferencia por elle feita no Instituto Historico a 24 de Maio passado.

E' um trabalho digno do seu auctor, cujos meritos de exímio estylista e de cultor da historia patria ha muito estamos acostumados a apreciar.

Estudando a campanha sob o ponto de vista artistico e tendo em vista resaltar o brilho dos nossos generaes e soldados, o general Moreira Guimarães nem por isso perdeu o seu cunho de alto cavalheirismo, que é um dos traços do seu bello carácter, relatando os incidentes com maestria e tratando sempre o adversario com a devida justiça.

Hoje—Periodico de accão social (Rio) — Setembro.

Revista de Medicina e Hygiene Militar (Rio) — Agosto e Setembro.

Revista del Circulo Militar (Perú) — Julho e Agosto.

Revista Maritima Brasileira (Rio) — Junho e Julho.

Revista Militar (Bolivia) — Agosto.

Memorial del Ejercito de Chile — Setembro.

Revista del Ejercito y de la Mariña (Mexico) — Maio.

Revista Militar (Argentina) — Agosto.

Anales de Escuela Militar — (Montevideo).

O escoteiro (S. Paulo) — Setembro.

O Tiro de Guerra (Rio) — Fevereiro a Junho.

O Marujo (Rio) — Número especial de Junho.

Union Ibero Americana (Madrid) — Agosto.

Expediente

Conforme prevenimos, em o nosso numero passado, fomos obrigados a elevar o preço de nossa revista para 1\$500 o exemplar.

Bem assim devido a irregularidades consequentes á remessa das cobranças effectuadas nos Estados, adoptamos o sistema da consignação mensal, alliviando assim os nossos representantes dessa tarefa.

Os nossos assignantes, que não forem officiaes do Exercito, continuarão a pagar adeantadamente a assignatura semestral ou annual, que custará respectivamente 9\$000 e 18\$000.

As assignaturas para os alunos da Escola Militar e para as praças de pret passarão a custar 5\$000 por semestre e 10\$000 por anno, effectuando-se o pagamento como o era primitivamente, isto é, aos nossos representantes.

Os assignantes que já houverem satisfeito o pagamento do semestre que se inicia com o presente numero, nada mais terão a acrescer á importancia já entregue, recebendo assim um premio á sua pontualidade.

Esperamos que nossos prezados leitores continuem a favorecer-nos com suas assignaturas, pois só a impossibilidade de podermos continuar a manter a revista pelas contribuições antigas, obriga-nos a tomar esta iniciativa.

UM ANNO DE INSTRUÇÃO

(I. Q. T.) no 4.^º R. A. M.

ITÚ, 1922/23

PELO MAJOR KLINGER

Está á venda na Bibliotheca do 4.^º R. A. M.—Itú, e na Papelaria Macedo—Rio—Rua da Quitanda, 74.

Parte I—O programma geral inicial para o anno de instrucção 1922/23, o correspondente *Calendario*, e os successivos additamentos, programmas e mais ordens complementares.

Parte II—Annexos.

Parte III—O programma geral para o novo anno e o *Calendario*.

O titulo desta obra seria, por extenso : **Um anno de instrucção num corpo de tropa, segundo o R. I. Q. T., como se praticou no 4.^º R. A. M. em 1922/23.**

Tanto vale dizer que, á parte, as questões que affectam especialmente á artilharia de campanha, o livro interessa aos officiaes de todas as armas.

PREÇO DO EXEMPLAR: 4.500 RÉIS

R. PETERSEN & COMP. LIMITADA

Successora de Petersen & Heins Limitada

IMPORTADORES

RIO DE JANEIRO

178, RUA BUENOS AYRES, 178

End. Telegr. PRIAMUS

Telephones Norte 6019 e 6534

Filial em S. Paulo — RUA DA QUITANDA, 2 A — Caixa 1046

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS

FORNECEDORES DO EXERCITO E MARINHA

— DE —

Material para comunicações, das mais afamadas fabricas allemães. Telemetros das conhecidas fabricas GOERZ e ZEISS. Artigos para acampamento de officiaes e tropa, bem como equipamentos. Apparelhos para tiro e pontaria. Material de sport, gymnastica e esgrima, como florete, luvas, mascaras, etc. Todos os artigos necessarios á engenharia militar e desenho, como transferidores Pfeiffer em millesimos, etc. Artigos para conservação e limpeza do material bellico. Artigos destinados á Veterinaria, para tratamento de animaes.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte:

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organisação. Os seus principaes fins são :

1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias ;

2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6 % ao anno, aos seus socios, e de 8 % aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

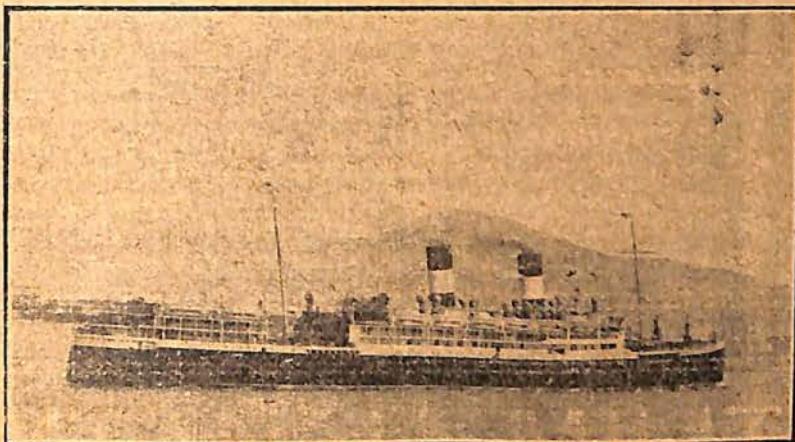
Para mais informações — dirigir se ao Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida Rio Branco n. 251. D. F.

NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA

SOCIETÁ RIUNITE FLORIO, RUBATTINO E LLOYD ITALIANO

O rapido e luxuoso Paquete

“GIULIO CESARE”



SAHIRÁ PARA GENOVA EM 12 DE NOVEMBRO

27.000 Toneladas - Comprimento 200 metros - Quatro helices

AGENTES GERAES

“Italia – America”

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EMPREZAS MARITIMAS

São Paulo

Rio de Janeiro

Santos

Rua Alvares Penteado, 43 * Avenida Rio Branco, 2, 4 e 6 * Praça da Republica, 26

Casa Mattos

Cereaes — Molhados — Ferragens

Liquidos e Comestiveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA

PARA

Instrucción e Exercicio

DAS

Tropas de Saúde em tempo de paz

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da
Silva, 17.

PAGINAS PERDIDAS

ACERCA DA

ORGANISACIÓN SANITARIA DO EXERCITO

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da
Silva, 17.

CURSO FREYCINET

DIURNO E NOCTURNO — FUNDADO EM 1910

Curso de preparatorios — para os exames finaes de preparatorios no Collegio Pedro II;
 Curso Vestibular — para os exames vestibulares nas Escolas Superiores;
 Curso de Admissão — para a matricula nos primeiro, segundo e terceiro annos do Collegio Militar, no primeiro anno do Collegio Pedro II e da Escola Normal;
 Curso Complementar — para habilitar á matricula no Curso de Preparatorios;
 Curso Superior — para o estudo das materias ensinadas nas Escolas Superiores;
 Curso Normal — para o estudo das materias ensinadas na Escola Normal;
 Curso de Revisão — para os exames de Segunda época no Collegio Pedro II e em outros Estabelecimentos de Ensino;
 Curso Commercial — para habilitar ao desempenho de qualquer cargo nos Estabelecimentos Commerciaes e Bancarios e nas Repartições Públicas.

ENSINO GRATUITO DE DACTYLOGRAPHIA A SENHORAS E SENHORITAS



Director: Dr. Sinesio de Farias

Engenheiro Militar—Doutor em Mathematica e Sciencias Physicas—Tte.-Cel. Lente Cathedratico da E. Militar

47 - RUA URUGUAYANA - 47
SOBRADO

Telephone Central 5027

RIO DE JANEIRO